

eling UP

Revista Eletrónica de
Linguística dos Estudantes da
Universidade do Porto

*A Students' E-journal of Linguistics
from University of Porto*

Revista de Linguística

Volume XI | N.º 2 | Ano 2022

Diretores:

António Leal
Purificação Silvano

Editoras:

Rute Rebouças
Ana Sofia Pinto
Inês Cantante
Mariana Ribeiro
Violeta Amélia Magalhães

Secretariado Editorial:

Ana Fidelis
Bruna Costa
Daniel Monteiro
Eloísa Bastos
Fábio Granja
Filipa Ferreira
João Albergaria
Joel Santiago
Jorge Carvalho
Marina Salimon
Renata Rodrigues
Rita Sofia Novo
Rui Lopes
Sara Carvalho
Sofia Pinho Silva
Tatiana Moura

Comissão Científica:

Alexandra Guedes Pinto
Ana Maria Brito
Ângela Carvalho
Celda Morgado
Clara Amorim
Clara Barros
Elena Zagar Galvão
Fátima Oliveira
Fátima Silva
Idalina Ferreira
Inês Oliveira
Isabel Margarida Duarte
Joana Guimarães
João Veloso
Luís Filipe Cunha
Maria da Graça Pinto
Rogelio Ponce de León Romeo
Rui Sousa Silva
Sónia Valente Rodrigues
Thomas Hüsgen

FICHA TÉCNICA

eling^{UP}

Revista Eletrónica de Linguística dos Estudantes da Universidade do Porto
Vol. 11 | N.º 2 | 2022

Periodicidade: bianual

Capa: Raquel Araújo

Os artigos publicados estão sujeitos a avaliação.

A Revista está registada na OJS.

<https://ojs.lettras.up.pt/index.php/elingUP>

ISSN 1647-4058

DOI: https://doi.org/10.21747/1647-4058/eling11_2

Esta revista conta com o apoio do Centro de Linguística da Universidade do Porto (CLUP) e da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) - UIDB/00022/2020.

ÍNDICE

Nota Editorial	6
Entrevista à Professora Doutora Violeta Demonte	8
Artigos	
A variação semântica do termo <i>homem</i> no Twitter	19
Carlos Henrique Francisco Gomes Isadora Cristina Hanke de Faria	
O papel de expressões temporais na coesão temporal em notícias	35
Cláudia Maria Gomes Pimentel Maria Francisca Maltez Cardoso Zagalo de Lima	
Recensões	
Egg, M. 2021. Aspectual Composition: “Drinking (A Glass of) Milk”. D. Gutzmann; L. Matthewson; C. Meier; H. Rullman & T. E. Zimmermann (Eds.). <i>The Wiley Blackwell Companion to Semantics</i> (1st ed.). Vol. 1. Hoboken: Wiley, pp. 91-120.	50
Inês Cantante	
Martin, F., Demirdache, H. 2020. Partitive accomplishments across languages. <i>Linguistics</i> 58: 1195-1232.	57
Zichen Zhang	

Nota Editorial

Enquanto editoras da Revista eling^{UP}, é com muito gosto que anunciamos o segundo número do décimo primeiro volume, que conta com uma entrevista, dois artigos e duas recensões.

O primeiro artigo, *A variação semântica do termo homem no Twitter*, é da autoria de estudantes da Universidade Federal de Minas Gerais (Brasil), Carlos Henrique Francisco Gomes e Isadora Cristina Hanke de Faria. Este artigo apresenta uma análise semântica e pragmática de textos (*tweets*) recolhidos da plataforma digital Twitter, tendo como objetivo investigar os usos dos termos *homem*, *macho* e *homi* e as suas respetivas conotações.

Cláudia Maria Gomes Pimentel e Maria Francisca Maltez Cardoso Zagalo de Lima, estudantes da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, são as autoras do segundo artigo. Intitulado *O papel de expressões temporais na coesão temporal em notícias*, este artigo tem como objetivos, por um lado, fazer uma caracterização das expressões temporais e, por outro, determinar de que modo essas expressões contribuem para a coesão temporal em notícias de carácter narrativo. Para esta análise, as autoras construíram um *corpus* de notícias, no qual identificaram e caracterizaram semanticamente a totalidade das expressões com valor temporal, com exceção dos tempos verbais.

A primeira recensão deste número é Inês Cantante, estudante do 3.º Ciclo de Estudos em Ciências da Linguagem, sobre o capítulo *Aspectual Composition: Drinking (A Glass of) Milk* (2021) da autoria de Markus Egg presente no primeiro volume do livro *The Wiley Blackwell Companion to Semantics.*, que aborda a composição aspetual mais precisamente, questões relacionadas com os argumentos envolvidos na especificação da classe aspetual do verbo.

Zichen Zhang, estudante do 3.º Ciclo de Estudos em Ciências da Linguagem, é o autor da segunda recensão deste segundo número do décimo primeiro volume sobre o texto de Fabienne Martin e Hamida Dermirdache, presente na Revista *Linguistics* 58 (2020), que se intitula *Partitive accomplishments across languages*. Esta recensão mostra a atualidade do texto nos estudos sobre aspeto, analisando processos culminados que descrevem situações tidas como télicas, mas que, na verdade, não se pode inferir que atingiram o seu fim.

Após a apresentação dos artigos e recensões presentes neste segundo número de 2022 e uma breve descrição dos mesmos, é momento de destacar a entrevista realizada à Professora Doutora Violeta Demonte, Professora Emérita da Universidade Autónoma de Madrid, a quem

agradecemos imenso a oportunidade que nos foi concedida. Esperamos que o público leitor goste tanto de a ler como nós gostámos de a preparar e de a ouvir (pessoalmente e, depois, por gravação, na sua transcrição).

Assim, esperamos - os diretores, as editoras e o secretariado editorial (a quem, em particular, agradecemos todo o empenho em manter este projeto ativo, vivo e estimulante) - que o público leitor se deleite com este novo número e que este possa servir de fomento para o desenvolvimento do trabalho em Linguística. Deixamos, ainda, um agradecimento a todos os Professores que integram a comissão científica pela sua colaboração. Aos diretores, Professor António e Professora Purificação, o nosso muito obrigada por abraçarem, de forma contínua e singular, este projeto que é a Revista eling^{UP}, que nos diz e ensina tanto, mas, sobretudo, por acreditarem no nosso (possível) potencial como editoras.

As editoras,

Rute Rebouças, Ana Sofia Pinto, Inês Cantante, Mariana Ribeiro e Violeta Magalhães

Entrevista à Professora Doutora Violeta Demonte



Violeta Demonte Barreto é Professora Emérita da Universidade Autónoma de Madrid. Nascida em Paraná, na Argentina, estudou na Universidade de Buenos Aires, na Universidade do Indiana (EUA) e na Universidade Complutense de Madrid. As suas principais áreas de atuação são a Sintaxe, a Linguística Teórica e a Gramática Formal, o estudo da interface Léxico-Sintaxe-Semântica, bem como o campo da Linguagem e Género. Autora de inúmeros artigos científicos, capítulos de livros e outras publicações, Violeta Demonte publicou importantes obras como *La subordinación sustantiva* (Madrid, 1977), *Teoría sintáctica: de las estructuras a la rección* (Madrid, 1989) ou ainda a *Gramática descriptiva de la lengua española* (Madrid, 1999), codirigida com Ignacio Bosque. Ao longo da sua carreira, a Professora Violeta visitou inúmeras instituições, participando em congressos, júris e comités internacionais. A relevância do seu trabalho levou a uma nomeação como Diretora Geral de Investigação do Ministério da Educação e Ciência do governo espanhol (2004-2007).

A entrevista realizada à Professora Doutora Violeta Demonte teve lugar no dia 13 de julho de 2022, decorrente da presença da Senhora Professora no *CISyntax2022*, um congresso internacional de Sintaxe organizado em homenagem à Professora Doutora Ana Maria Brito (FLUP). A entrevista foi preparada pelas estudantes Ana Fidelis, Fábio Granja, Marina Salimon, Tatiana Moura e Violeta Magalhães e teve lugar na Casa dos Livros, sendo conduzida pelas estudantes Ana Sofia Pinto, Filipa Ferreira, Rute Rebouças e Violeta Magalhães. Por simpatia da Senhora Professora, as perguntas foram colocadas em português,

tendo as respostas surgido em espanhol. A posterior transcrição ficou a cargo da estudante e editora da revista eling^{UP} Rute Rebouças.

Não obstante o tardar da hora – a entrevista teve lugar após o término do último dia de trabalhos do congresso –, a Senhora Professora Violeta Demonte apresentou-se com a imensa generosidade intelectual que lhe é característica. Nesse sentido, a entrevista que aqui apresentamos representa esse momento acolhedor e estimulante, de todas as formas enriquecedor, que a Senhora Professora nos proporcionou. Como tal, podemos apenas agradecer a excepcional oportunidade que nos foi concedida, reiterando a importância que representa no caminho que todas nós percorremos nas diferentes áreas da Linguística. Ao público leitor, desejamos que possam deleitar-se com as considerações da Senhora Professora Violeta Demonte, eventualmente experienciando um pouco do momento original por nós testemunhado.

A presente entrevista decorre durante um congresso internacional de Sintaxe, dedicado a uma colega da Senhora Professora: a Professora Doutora Ana Maria Brito. Que importância têm para a Senhora Professora estes eventos e, mais ainda, a colaboração entre profissionais de diferentes instituições e países?

Las reuniones de este tipo y las colaboraciones entre profesores de diferentes países y diferentes instituciones: los congresos, seminarios y workshops internacionales son una parte esencial del trabajo de los investigadores. Los congresos, lo que permiten es conocer a otros investigadores y autores, interactuar con ellos y, en muchos casos, planear asuntos sobre los que vas a escribir o proyectos que quieres desarrollar. Para los jóvenes investigadores que empiezan su vida académica es esencial ir a congresos y poder hablar con otros expertos, presentar sus trabajos, discutir con otros, proponer temas para trabajar conjuntamente. Pero lo más importante quizá es que los congresos son un caudal de saber y de información. Yo creo que la jornada de hoy en este congreso fue de hecho como un curso intensivo de morfología, sintaxis, oraciones relativas, variedades del portugués, comparaciones entre lenguas, o sea, ha sido un día fascinante. Y eso sólo se puede hacer y sentir si uno está en presencia, por eso la pandemia tuvo un efecto negativo para la vitalidad de la investigación.

Depois de várias décadas dedicadas ao estudo da sintaxe, o que ainda a motiva nesta área?

La sintaxis es saber básico, diría yo. Para establecer una similitud, si tú eres química, aunque vayas luego a ser ingeniera química o informático de la química o bioquímico, hay cuestiones básicas que tienes que saber: los elementos, los tipos de materia, la tabla periódica, etc. Yo creo que para todas las tareas que puedes hacer en lingüística, que son muchísimas, el conocimiento sintáctico, es decir, entender cómo funcionan las estructuras de las lenguas, formas organizadas no de manera arbitraria, sino conforme a principios, a reglas, es fundamental. Se trata no de reglas normativas sino de reglas estructurales. Si tú quieres hacer investigación aplicada, estudiar la adquisición de lenguaje, por ejemplo, tienes que saber lo que son las categorías, lo que son los sintagmas, las distintas variedades de las categorías léxicas, entender la semántica de las frases, o no podrás observar y seguir a tus sujetos. Por lo tanto, la sintaxis es esencial como conocimiento y aprenderla y enseñarla es importantísimo. Pero, además, la sintaxis que hacemos los lingüistas formales es muy interesante porque es una especie de permanente análisis del esqueleto de los procesos sintácticos, morfológicos, fonológicos: qué implica el poder construir de esta manera y no de otra, qué construcciones son gramaticales y agramaticales. Es decir, hay una arquitectura de las oraciones que va más allá de lo visible, muy abstracta, y su estudio te aproxima más a las ciencias duras que a las ciencias sociales. Yo creo que alguien que haga sociolingüística o que haga análisis del discurso también tiene que saber sintaxis. Es que, si no, no entenderá por qué se usa un conector u otro o por qué esto que está adelante es el tópico o el foco. En mi caso y en el de muchos, esa condición ‘básica’ de la sintaxis, la fascinación por el tipo de análisis que lleva consigo y el hecho de que sus instrumentos estén siempre en revisión en la medida en que se vayan desvelando nuevas cuestiones, es lo que creo que mantiene vivo nuestro interés por ella.

A Senhora Professora tem também diversos trabalhos na interface sintaxe-semântica-pragmática. Quais são as vantagens que trabalhos deste tipo têm relativamente àqueles que escolhem apenas uma das áreas referidas como foco para a análise e explicação dos dados?

Mis trabajos, siempre en colaboración, sobre esta interfaz tienen que ver sobre todo con la *evidencialidad*, asunto sobre el que, según creo, me haréis luego una pregunta específica. Para contestar ahora de manera general, señalaré simplemente que desde los comienzos de la

lingüística formal en la década de los 50 hasta ahora mismo ha corrido mucha agua bajo los puentes, como decimos en español. Las teorías semánticas y pragmáticas que apenas estaban iniciadas en esa época se han desarrollado poderosamente: la semántica a partir de los trabajos de R. Montague y la pragmática, a partir de los escritos de J. Searle, entre otros. Y tienen ahora muchas escuelas, diversas formalizaciones y diversos centros de interés. La sintaxis formal en alguna medida revolucionó también otras áreas de estudio del lenguaje. Hay que recordar asimismo que los trabajos sobre interfaces siempre tienen como centro la sintaxis. Por ejemplo, se estudia cómo se expresan sintácticamente algunos elementos del discurso o se analiza de manera más profunda la interrelación entre forma y significado.

Um dos temas que tem explorado nos últimos anos é o da evidencialidade em Espanhol. O que é que a cativa neste tema?

Bueno, hay en parte una motivación personal y también una motivación metodológica. Aunque yo he trabajado fundamentalmente en sintaxis, en los últimos años de mi carrera investigadora, he querido moverme hacia la interacción entre la sintaxis, la semántica y la pragmática, a lo que se llama las interfaces, como os decía; así como hacia otros temas donde la metodología es algo distinta porque se formalizan elementos del discurso, de la modalidad, de las intenciones de los hablantes y no solo la estructura mínima de las oraciones. Por otra parte, sobre la evidencialidad, que es un tema absolutamente de interfaz sintaxis-semántica-pragmática, hay mucho que decir y es un tema que está de moda. Hay mucho material por analizar, sobre todo relativo a lenguas tipológicamente distintas del español. Sabemos que numerosas lenguas tienen marcadores específicos para indicar fuente de información (es decir, si lo que dice el hablante se lo contaron, si lo observó directamente, etc.), relación con el oyente, distancia epistémica, etc, y eso es bastante distinto de lo que haces en sintaxis; me interesaba mirar todos esos materiales. Es cierto que el español no tiene marcadores específicos de evidencialidad, salvo quizá el caso de *dizque* (que designa sobre todo fuente de información ‘indirecta’) –partícula sobre la cual tengo varios trabajos en colaboración con la profesora Olga Fernández-Soriano- y de algunos adverbios léxicamente evidenciales (*evidentemente, aparentemente, visiblemente*). Pero la fuente de información puede manifestarse también unida a otros elementos de la morfología, como los sufijos verbales. En los últimos años muchos investigadores del español están haciendo trabajos interesantes sobre este asunto, las profesoras Escandell, Pérez-Jiménez, Zubizarreta para el guaraní y Tan para el tagalo, entre otros.

Recentemente, voltou a um problema que havia tratado há alguns anos, os predicados secundários, tendo inclusivamente publicado um texto sobre o assunto na revista Linguística. Que motivo a levou a voltar a este assunto, passados (julgamos nós) cerca de 30 anos? A que outros temas gostaria de voltar na sua investigação?

Esta pregunta es importante para quién está empezando. Es bastante frecuente que los investigadores de todos los campos vuelvan a temas sobre los que han trabajado antes. Es decir, un historiador español que trabaja sobre el siglo XIX y encuentra nuevos materiales sobre Fernando VII, por ejemplo, es natural que vuelva a escribir sobre él, aunque ya lo haya hecho antes. Es decir, cuando uno tiene una base de conocimiento sólida sobre algún tema tendrá siempre la tentación de volver a ese tema con otras perspectivas, o con ampliaciones. Ya veréis como el tema de vuestra tesis reaparecerá 5, 10 o 20 años después porque sabes de eso, y, entonces, ves un nuevo enfoque o ves un nuevo camino que no estaba recorrido y te metes por él. Eso es la investigación. Aprovechar lo que uno sabe y descubrir cosas nuevas.

Um outro tema no qual a Senhora Professora é uma referência é o estudo dos adjetivos. O que é que já sabemos sobre esta classe de palavras e o que é que falta investigar?

Bueno, sobre los adjetivos hay centenares de trabajos y, sin embargo, todavía hay muchas cosas que se pueden investigar. Yo creo que en este momento, el tema de los adjetivos, o mucho me equivoco, es un tema más para la semántica que para la sintaxis. Sobre sintaxis, se han propuesto varias formas de expresar las relaciones estructurales (sobre todo la posición) entre adjetivos y sustantivos, sea en la atribución o en la predicación. Yo creo que sobre ese asunto no hay mucho más que decir. En cambio en semántica están surgiendo constantemente temas nuevos: la gradualidad, ¿por qué? porque podemos decir ‘esto está muy lleno’ o ‘es muy alto’. Pero, en otros casos, cuando tú dices ‘esto es muy rojo’, no quieres decir que ese objeto tiene un rojo por encima del estándar (como sucede con ‘alto’), sino que hay propiedades prototípicas de la rojez que destacan en ese objeto. Hay mucho por hacer, hay muchos trabajos nuevos sobre adjetivos evaluativos, sobre la expresividad, que es un gran tema de la semántica. En este momento yo estoy trabajando sobre expresiones evaluativas depreciativas o peyorativas, un tema de interés semántico y también ético y social dada la abundancia del insulto en ciertas relaciones sociales, de manera chocante a veces en la política. Escribí una nota para una revista de divulgación científica que se llama *The Conversation*, analizando someramente las expresiones de odio. Y ahora estoy estudiando los

sustantivos-adjetivos peyorativos. En este terreno, tienes los clásicos insultos racistas o las palabras de desprecio de la condición sexual o social de las personas, o las que tildan a los gobernantes de ‘idiotas’ porque toman medidas sociales que no gustan a algunos grupos políticos. Todas son ética y estéticamente reprobables. Para tratar los insultos lingüísticamente y ayudar a entenderlos mejor hay que tener en cuenta la gradualidad, los significados puramente expresivos, la teoría de prototipos y también entender cómo se codifican lingüísticamente el menosprecio o el odio. Muchos aspectos de la semántica y la pragmática, como veis.

Outros dos tópicos que têm interessado à Senhora Professora é o da ligação entre linguagem e género. O que pensa serem os principais desafios atuais nessa área e de que forma a linguística pode colaborar para um avanço na luta pela justiça e igualdade das mulheres?

Bueno, yo me considero feminista desde los orígenes. En los años 75/76, en un momento de auge del movimiento feminista en España, las feministas sentíamos casi la obligación de escribir sobre las relaciones de la mujer dentro de la familia, sobre el aborto, sobre la anticoncepción y cada una enfocaba estos temas según su especialidad. Entonces, escribí un par de textos muy leves sobre la relación lenguaje-género porque era un tema sobre el que estaban saliendo estudios experimentales, especialmente en el ámbito anglosajón. Esta cuestión se he enfocado luego en una perspectiva de reforma relativa del uso del masculino empleado como término general para todos los miembros de una profesión o de un conjunto de individuos. Pienso hoy que en general la cuestión de la visibilización de las mujeres a través del lenguaje ha avanzado bastante en muchos países, en otros ni se ha planteado, naturalmente. Todos sabemos que el lenguaje en sí mismo no es machista, lo que es machista es la sociedad. El léxico tiene, por supuesto, expresiones machistas, y las personas sensatas y civilizadas saben ahora reconocerlas un poco más. Se ha avanzado también en la feminización de los términos de profesión, cuando decimos ‘la embajadora’ nadie piensa ya que hablamos de la esposa del embajador sino de una mujer que ocupa ese puesto. En España se ha discutido con furia innecesaria y argumentos muchas veces exagerados la sugerencia feminista del uso ‘visibilizador’ del femenino que recomienda decir, por ejemplo, ‘los profesores y las profesoras’, o ‘los niños y las niñas’ para hacer evidente que en el grupo del que hablamos hay individuos de los dos sexos. Yo creo que, en el lenguaje oral y profesional, sobre todo en ciertos contextos, debemos usar estas coordinaciones inclusivas: ‘todas y todos’, ‘los doctores y las doctoras’; son usos recomendables. Hay que hacerlo por mor de la

Volume 11 | N.º 2 | 2022 | <http://ojs.letras.up.pt/index.php/elingUP>
DOI: https://doi.org/10.21747/1647-4058/eling11_2

claridad y la justicia. El concepto de masculino ‘genérico’ (no marcado) es desfasado, y si decimos ‘los ingenieros’ mucha gente no advertirá que hablamos de hombres y mujeres, simplemente por el peso de la visión antigua de que solo los hombres desempeñaban ciertas profesiones. Otro ejemplo, en este momento, cuándo dices ‘los ciudadanos’, la gente puede pensar que hablamos solo de hombres. Entonces, ¿cómo proceder? Pues con prudencia, con relevancia, sin exagerar, usando enumeraciones distinguidoras cuando haga falta. Más compleja es la cuestión de modificar la morfología usando ‘e’ para no hacer distinciones de género-sexo: ‘niñas’, ‘niños’, ‘niñes’. Veo difícil que esta propuesta se generalice, pero tengo respeto por ella y el tiempo dirá.

Lemos numa entrevista ao “El País” que, quando estudante, estava mais interessada em literatura do que em linguística. Na sua opinião, há atualmente possibilidade de estas duas áreas trabalharem em conjunto?

No veo muy clara la posibilidad de ese trabajo conjunto salvo en áreas específicas como el análisis léxico y retórico de una obra literaria. Es decir, leer literatura es imprescindible para mí, no concibo la vida sin ella, es el mejor vehículo para la comprensión del mundo y de las personas, soy muy lectora. Entré en la lingüística, en los estudios de letras, porque me gustaba la literatura, pero luego me interesó más la lingüística. Creo que, como disciplinas, en este momento, son dos mundos distintos cada uno con desarrollos muy especializados. Como os decía, si estás estudiando un poeta y si quieres hacer consideraciones estilísticas en las que hables de los tipos de adjetivos que usa puede haber un contacto; pero, hoy, la crítica literaria y el análisis literario tienen otros caminos, otros recorridos, otros temas, otros conceptos básicos que no son de la lingüística. Por eso pienso que son dos mundos y me es difícil imaginar una disciplina lingüística-literatura. Por supuesto, como otra mucha gente, yo uso muchos ejemplos literarios cuando escribo de lingüística. Pero eso es otra cosa.

Que benefícios vê em colaborações com outras áreas das ciências sociais, como a sociologia, ou das ciências exatas, como as ciências da computação?

Bueno, la lingüística tiene muchas ramas, algunas de ellas interdisciplinarias. Por ejemplo, hay una gran interrelación entre la sociolingüística y la sociología: si tú analizas el lenguaje como hacen los variacionistas tipo Labov, o los que hacen propiamente sociología del lenguaje - el lenguaje político, las distinciones de género en otras lenguas, y necesitas

informaciones basadas en variables sociales (edad, situación social, etc.), tienes que emplear instrumentos y nociones de la sociología, y saber hacer estadísticas. Por otro lado, en este momento hay algo que no puede negarse y es la importancia que ha adquirido la lingüística computacional que sitúa a la lingüística en el seno de la computación y las ciencias de datos. Por supuesto, trabajar con grandes bases de datos y crear objetos capaces de producir lenguaje similar al lenguaje natural (o inmensos lexicones bien organizados semánticamente) es muy atractivo y supone un progreso. Pero no hay que engañarse, quienes están en la base, por ejemplo, del ahora tan nombrado ChatGPT (OpenAI) son los numerosos especialistas, muchos de ellos lingüistas, que etiquetan lingüística y temáticamente esos datos, o los purgan. Los algoritmos, prodigios matemáticos a veces, no hacen magia, obtienen resultados impresionantes sí, a través de mucho trabajo humano previo. Más allá de observar estas restricciones, que no son críticas, creo que las facultades de letras deberían ofrecer cursos de lingüística computacional, enseñar también a programar, pues son habilidades útiles para la investigación en general y también importantes para la futura vida laboral de los graduados. A ver, yo tengo muchos estudiantes que han terminado trabajando en Google, doctorandos o graduados formados en lingüística formal que luego pasan a ser lexicógrafos computacionales o etiquetadores para procesamiento de lenguaje natural. Conviene incentivar pues la colaboración con los ingenieros y conocer los fundamentos de la lingüística computacional.

O nome da Senhora Professora está associado à Gramática descritiva de la lengua española, uma obra de referência também nos estudos linguísticos em Portugal. Podia contar-nos como foi a experiência de preparação deste trabalho, que envolveu tantos colaboradores, feito em parceria com o Professor Doutor Ignacio Bosque?

Fue una experiencia extraordinaria que, por supuesto, no podría haber llevado a cabo sin mi colega Ignacio Bosque, que es un gran gramático, un extraordinario lingüista y sabe mucho (¡mucho más que yo!) de la lengua; y, claro está, sin el equipo, los colaboradores y profesores con quien trabajamos. Esas experiencias de trabajo en grandes grupos son fascinantes y la conversación permanente con mi colega Ignacio Bosque me enseñó muchas cuestiones que no sabía. Nosotros, en aquel momento (empezamos en 1989), no teníamos tanto desarrollo informático como hay ahora, o sea, que tuvimos que hacer más trabajo de relación directa, de informes y contrainformes casi manuales, al menos al principio. Estas grandes gramáticas son necesarias, los lingüistas de Portugal han hecho dos gramáticas también extraordinarias, una de tamaño más reducido, la Gramática del Portugués publicada por Caminho, y la última, Volume 11 | N.º 2 | 2022 | <http://ojs.letras.up.pt/index.php/elingUP>
DOI: https://doi.org/10.21747/1647-4058/eling11_2

editada por la Fundación Gulbenkian y dirigida, entre otros, por el gran lingüista portugués Eduardo Raposo, que es una maravilla. Lo cierto es que yo siento una gran admiración por los lingüistas, sobre todo 'las' lingüistas (porque son mayoría) de Portugal. Su investigación ha sido y sigue siendo de primer nivel. Y en estas grandes gramáticas se refleja la sabiduría de profesoras como Inés Duarte, Ana María Brito, Ana María Martins, Gabriela Matos, María Antonia Mota, o Maria Antonia Bacelar, entre otras muchas.

Ao longo da sua carreira, a Senhora Professora teve de confrontar-se com a realidade pluricêntrica do Espanhol. Quais são as vantagens e quais são os desafios de se trabalhar com uma língua pluricêntrica, tanto de um ponto de vista científico (na investigação linguística) como de um ponto de vista político?

Todas las lenguas grandes, como es el caso del portugués o del español, que se hablan en muchos países, y son por lo tanto lenguas internacionales, son pluricéntricas, y eso es una riqueza, no una limitación. El pluricentrismo lleva consigo algo que es consustancial con las lenguas que es la variación. Hoy, aquí en Porto, hemos pasado buena parte de la jornada analizando el portugués de Moçambique, el portugués de Santo Tomé, el portugués de Angola y, claro, pues, te encuentras con que el sujeto oracional puede ser 'tópico' en algunas zonas del portugués, o con que los clíticos se colocan de diferente manera en diferentes zonas lingüísticas donde vive esta lengua; y todo esto tiene explicaciones que hay que buscar y desarrollar. Es decir, las lenguas son variación. Por lo tanto, el pluricentrismo, ofrece muchas posibilidades al lingüista. Otra cuestión es la de la política lingüística. Ahí ya entramos, por ejemplo en países como España, en cuestiones casi míticas como la de la unidad del español. Es un desideratum loable, pero es imposible que una lengua que se habla y es oficial en veintiún países no sea pluricéntrica. Creo que ya está plenamente aceptada la idea de que una lengua de amplia extensión tiene muchas normas y no solamente una. La noción de lengua estándar es una abstracción, un acuerdo plausible para ciertas tareas como la traducción o el uso de la lengua en las ciencias pero no existe en ninguna parte. En suma, se puede pensar en un estándar para ciertos medios de comunicación; pero tienes que aceptar que una lengua pluricéntrica es una lengua plurinormativa y que todas las normas son buenas.

A Senhora Professora ocupou diversos cargos de gestão, em diversas entidades, como o Conselho Superior de Investigações Científicas. Quais foram os desafios mais aliciantes (e gratificantes) que teve de enfrentar? Quais foram as maiores dificuldades?

Yo he sido vicerrectora de mi universidad, directora de un instituto de investigación del CSIC, y he sido también directora general de Investigación del gobierno de España, que es un puesto político, como aquí tenéis a João Costa, ¿no?, que es ministro. Bueno, yo no llegué a ministro, pero llegué a directora general de la Investigación de todo el país, o sea, que me he comprometido en la gestión de la universidad y la gestión de la ciencia. Son cargos que tienen luces y sombras, primero porque ocupan mucho tiempo. Más responsabilidad tienes, más tienes la cabeza completamente ocupada solo en los asuntos inmediatos y candentes, y entonces llega un momento en el que, para mí por lo menos, añoraba poder recomponerme la cabeza y volver a la investigación. Ese es el mayor problema. Lo otro es, claro, lo que implica toda labor colectiva y para otros, y es que tienes que estar disponible para atender peticiones y demandas de diverso calibre por parte de aquellos a los que les afecta tu gestión. Son tareas en las que aprendes mucho y conoces las necesidades y demandas de colegas más allá de tu especialidad. El peso de la diversidad de las tareas y responsabilidades y del contacto con mucha gente diversa puede ser extenuante, es verdad. Pero yo pienso que un investigador puede dedicar algún tiempo a la gestión y no le va a pasar nada.

A Senhora Professora tem também refletido sobre o futuro dos estudos linguísticos na universidade e sobre a relação destes estudos com as profissões do futuro. Que conselhos poderia dar a um estudante que estivesse agora a entrar num curso de ciências da linguagem? Que conselhos daria para aumentar a empregabilidade da sua formação?

Es una pregunta de larga respuesta. La formación universitaria debería producir no solo posibles profesionales sino sobre todo seres creativos con vocación inquisitiva y de investigación. Pero en la medida en que la universidad se ha ido extendiendo, afortunadamente, a muchos sectores de la ciudadanía para los que antes era inaccesible surge el problema de que la formación que se reciba debe facilitar la empleabilidad de los graduados, reconocer las necesidades formativas de las sociedades y proporcionar graduados con capacidad para contribuir a ellas. Resolver el dilema formación sólida – empleabilidad no es sencillo, pero hay pasos posibles. En este momento los estudios universitarios tienen grado, maestría y doctorado. En el grado está bien recibir una información básica y bastante

amplia, pero creo que sería conveniente para quien vaya a hacer lingüística, buscar un programa en el que haya un predominio de la lingüística y menos de la literatura porque si no podrían faltarle nociones básicas sobre el estudio del lenguaje. Quien aspire a tener una profesión, pues, tendrá que ir a los másteres y no necesariamente al doctorado, másteres de dos años mejor que de uno. Por lo tanto, también es responsabilidad de las facultades organizar tanto ‘másteres teóricos’ como ‘másteres profesionales’, y yo creo que lo hacen. Los másteres actuales enmarcan las áreas laborales: ser profesor de enseñanza secundaria y dedicarse a la enseñanza de lenguas extranjeras parecen ser las dos áreas profesionales con más tradición y muchos estudiantes van a estas áreas. Pero hay mucho más. También son muy necesarios los másteres de lingüística aplicada, interdisciplinarios con la psicología, la psicolingüística, o el aprendizaje de sujetos con capacidades lingüísticas diferenciadas. El mundo de los saberes en los que la formación lingüística es fundamental es muy amplio; ya he hablado antes de la lingüística computacional, y no quiero olvidar la lexicografía avanzada, muy en relación con la lingüística computacional. El ideal para mí es un lingüista con una buena formación teórica que se plantee también la salida profesional, que no la deje de lado. Por todo ello, es importante que las universidades y los centros de investigación sepan organizar bien los niveles de formación y enseñen a pensar y a resolver problemas que estarán presentes en las diversas profesiones. En cuanto al doctorado, ahí tienes que tratar de reforzarte en un marco teórico y en las metodologías para el trabajo de investigación. Cada vez más la lingüística es una disciplina experimental, es decir: que trabaja con muchos datos; que hace estadísticas; que necesita la lógica para hacer semántica y pragmática; que hace trabajo de campo si es sociolingüística; que colabora con informáticos en tareas para el procesamiento del lenguaje natural. Bueno, hay que entrenarse mucho metodológicamente y desde el punto de vista de las distintas conceptualizaciones del lenguaje. Pensar en las salidas profesionales es una responsabilidad más institucional que de cada uno, y estaría bien dar cursos en las facultades explicando qué cosas van a poder hacer y lo que tienen que saber en cada caso. Eso cuesta muy poco y sería muy útil para los estudiantes.

A VARIACÃO SEMÂNTICA DO TERMO *HOMEM* NO TWITTER¹

Carlos Henrique Francisco Gomes²

chfg@ufmg.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (BRASIL)

Isadora Cristina Hanke de Faria³

isahanke@gmail.com

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (BRASIL)

RESUMO. Este artigo investiga os usos dos termos *homem*, *macho* e *homi*, e suas conotações no *Twitter*, considerando-se a nacionalidade dos usuários. Para isso, foram coletados 40 *tweets* por termo no mês de junho de 2022, que se analisaram semântica e pragmaticamente, atribuindo-se categorias em relação à intencionalidade e à proximidade do referente. Os resultados mostram que, quanto à intencionalidade, os termos são utilizados prevalentemente em sentidos diferentes: *homem*, com sentido [neutro], *macho*, com sentido [+pejorativo] e *homi* transita entre três categorias. Relacionado à proximidade, nos termos *homem* e *macho* prevalece a referência genérica, enquanto em *homi* predomina o sujeito próximo ao falante.

PALAVRAS-CHAVE. Variação semântica; Termo *homem*; Termo *homi*; Termo *macho*; *Twitter*.

ABSTRACT. This paper investigates the uses of the terms *homem* (*man*), *macho* (*male*) and *homi* (*guy*), and their connotations on *Twitter* considering the nationality of the users. For this, 40 tweets for each term were collected during the month of June 2022 and then analyzed semantically and pragmatically, with categories being assigned accordingly to the uses found. The results show that, in relation to intentionality, *man* is used in a [neutral] sense, *male* with the [+pejorative] sense and *guy* transits between three categories. Regarding proximity, generic reference is predominant in the terms *men* and *male*, whereas with *guy* the subject close to the speaker is prevalent.

¹ Artigo resultante da disciplina de Variação e Mudança, ministrada pela profa. Dra. Aléxia Teles Duchowny, no 1.º semestre de 2022, na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.

² Estudante de Graduação em Letras - Licenciatura Português-Francês - Universidade Federal de Minas Gerais.

³ Estudante de Graduação em Letras - Licenciatura Português-Francês - Universidade Federal de Minas Gerais.

KEYWORDS. Semantic variation; *Man*; *Guy*; *Male*; *Twitter*.

1. Introdução

Partindo dos pressupostos da sociolinguística, entende-se que a língua portuguesa é, assim como qualquer outra, uma língua que varia. Nesse sentido, segundo Coelho, Görski, De Souza & Mey (2018), a variação linguística é um processo em que duas formas ou mais podem aparecer em um mesmo contexto e com o mesmo significado. Assim, construções em variação são ricas em significado social e, além disso, trazem consigo informações pessoais do falante. Labov (2010), discutindo sobre os fatores sociais que direcionam esse processo de mudança linguística, estabelece que esse processo se dá dentro do contexto social da comunidade de fala. Ainda de acordo com o autor, essa comunidade de fala é muito bem definida como um grupo que compartilha as mesmas normas a respeito de uma língua. Deste modo, os membros dessa comunidade de fala compartilham conjuntos comuns de normas, mesmo quando há variação estratificada na fala real. Para Coelho *et al.* (2018: 39), “a noção de comunidade de fala recobre tanto aspectos sociais quanto linguísticos, pois envolve atitudes/normas sociais compartilhadas pelos falantes que, por sua vez, compartilham características linguísticas que os diferem de outros grupos sociais.” Um outro fator que contribui para a mudança da língua é a rede social, noção dependente das estruturas social, econômica e política. Posto isso, uma análise sociolinguística que é baseada em redes sociais visa perceber a dinâmica das interações entre os falantes. Esse trabalho busca compreender de que forma uma rede social contribui para a difusão de uma variante ou outra.

Weinreich, Labov & Herzog (2006) reconhecem a importância de trabalhar com as redes sociais, sobretudo porque estudos com pessoas inseridas em seu meio social permitem observá-las na forma como falam no seu dia-a-dia. Assim, esse tipo de pesquisa propicia resultados significativos para identificar o mecanismo social da mudança linguística bem como as suas causas. Indo além, “permite a observação de dados linguísticos mais ‘naturais’ do que aqueles obtidos numa interação entrevistador-entrevistado” (Coelho *et al.* 2018: 41).

Diante disso, esse trabalho tem como objetivo analisar em quais contextos as formas *homem*, *homi* e *macho* são utilizadas nos meios digitais, como reflexo da oralidade, e se elas possuem a mesma carga semântica ou se possuem sentidos diferentes. A hipótese deste

trabalho consiste em considerar que o emprego da palavra *homem* estaria presente, comumente, nos discursos em que possui uma certa neutralidade em seu uso, não exprimindo intencionalmente ofensas para com o(s) indivíduo(s) referido(s), como nos exemplos encontrados:

- (1) “Mulher quando descobre seu próprio valor, não sofre por homem nenhum mais.”
- (2) “Acho ridículo os flamenguistas pedirem a saída de Paulo Sousa, homem que mais diverte o Brasil atualmente.”

Já o uso de *homi*, por sua vez, estaria presente nos discursos em que não há necessariamente um objetivo de insulto ou intuítos pejorativos, tal como observado nos usos do cotidiano, a partir de uma experiência como usuário da plataforma. Contudo, este termo tende a ser utilizado nesses contextos, sem haver, aparentemente, uma regra. Outro aspecto que seu emprego denuncia diz respeito ao grau de aproximação; o registro deste indicaria menos intimidade e revelaria um sujeito que, geralmente, costuma ser desconhecido pelo falante. Além disso, este termo, i.e., *homi*, faz-se presente também em contextos lúdicos, conforme uma amostra do *corpus* coletado:

- (3) “O homi bebendo cerveja no copo sentou em meu lado no ônibus, q ele não derrame em mim”
- (4) “Desde que sonhei q tava namorando uma menina, to sentindo nojo de homi graças a deus curado do bissexualismo”.

Agora, em relação ao termo *macho*, pressupõe-se, com base nos empregos observados no dia-a-dia durante a navegação pelas redes sociais e em conversas cotidianas, que seu uso tende a configurar contextos bem mais pejorativos. Estes contextos se dariam a partir de um comportamento por parte de um indivíduo que tivesse como intuito a animalização do sujeito, algo que fosse diretamente ligado ou a algum ato/gesto sexual ou a algum discurso/fala/opinião retrógrada, bem como atitudes irracionais, podendo também se manifestar em atos violentos. Por esse motivo, tende a vir acompanhado de adjetivos ofensivos, como *babaca*, *escroto*, *alpha* (adjetivo relacionado à masculinidade excessiva, correlacionando também à animalização do homem, exaltando suas características mais brutas), entre outros, como demonstra a amostra coletada para o *corpus* deste trabalho:

- (5) “Enquanto houver mãe que apoia safadeza de filho, só vai existir geração de macho escroto.”
- (6) “Meu deus q nojo eu tenho de macho que se faz de bonzinho e no fundo eh escroto só isso q vou dizer por enquanto”.

Este artigo se organiza da seguinte maneira: após esta seção inicial de introdução, em que se esclarece o propósito da nossa pesquisa, será apresentada a fundamentação teórica que a sustenta, respaldada nas teorias sociolinguísticas de William Labov, que serão pautadas em abordagens tanto qualitativas como quantitativas, seguidas da metodologia empregada neste estudo. A seguir, serão discutidos os resultados e será feita a análise dos dados obtidos, bem como se apresentará o *corpus* coletado para este artigo.

2. Revisão da Literatura

Battisti (2014) afirma que a identidade do indivíduo é, em parte, um constructo social. Dessa forma, viver em sociedade é estar em constante aprendizado sobre valores e crenças e, portanto, adquirindo *habitus*. A autora ainda esclarece que “o *habitus* é um sistema de disposições, não de determinações estruturantes” (Battisti 2014: 80). Nesse sentido, as práticas sociais são fruto do aprendizado da identidade individual, que é relativo à posição desse indivíduo na comunidade social. Indo além, Milroy & Milroy (1992) afirmam que as pessoas fazem uma estrutura considerável para resolver problemas que surgem em seu cotidiano ao se agruparem. Com isso, é possível perceber uma ligação direta entre as redes sociais e a variação e mudança na língua. Evans (2004) afirma que é possível ver as redes sociais como um sistema de relações pessoais que possuem efeitos sobre outros indivíduos e também como relações que são usadas pelas pessoas para atingir os seus objetivos.

Por conseguinte, De Aquino & Dioguardi relacionam o rápido desenvolvimento tecnológico dos últimos anos à popularização da *internet*, o que promoveu uma massificação das trocas de informações, e também afirmam que as ações verbais ocorridas na *internet* se processam “em contextos e finalidades sociais e culturais específicos com respectiva redistribuição dos papéis sociais construídos colaborativamente.” (De Aquino & Dioguardi 2013: 71). Com isso, tornou-se evidente que a comunicação realizada em ambiente virtual leva em conta não só o que está escrito literalmente, mas também as possibilidades de produção que possuam recursos próprios dos usuários.

Com o advento da *internet* e das redes sociais digitais, a linguística passou a se preocupar com o uso da linguagem nesse novo meio de comunicação, tendo como alvo as comunicações mediadas por meios digitais (CMDs). De acordo com Marcuschi & Xavier (2010: 16), “a Internet é uma espécie de protótipo de novas formas de comportamento

comunicativo.” Seguindo essa linha de raciocínio, é possível perceber que as CMDs se constituem como uma forma construtiva da realidade.

O *Twitter*, rede social bastante difundida entre os jovens, vem sendo usado como uma “ferramenta online, uma plataforma para o compartilhamento de opiniões, percepções, experiência e perspectivas, em mensagens que utilizam texto, imagens, áudio e vídeo.” (Theveno, 2007 *apud* Vermelho et al. 2014: 185). Nesse sentido, essa é uma excelente fonte de pesquisa para analisar as tendências de variação e mudança da língua portuguesa, uma vez que é um espelho da realidade linguística atual e também é um registro escrito dessas possíveis variantes.

Segundo Barwise & Perry (1983 *apud* Cançado 2008: 23), “um ponto relevante a ser investigado por uma teoria linguística é a relação entre a língua e o mundo: o significado externo da língua”. Nesse sentido, para conhecer a referência de uma palavra no mundo, é preciso aprender o que elas significam. Para as teorias de semântica cognitiva, o significado é tido como uma questão de representação mental, envolvendo a linguagem e os constructos mentais que caracterizam o conhecimento semântico do falante.

O foco da questão está em entender o que os ouvintes podem inferir sobre os estados e os processos cognitivos, as representações mentais, dos falantes. As pessoas se entendem porque são capazes de reconstruir as representações mentais nas quais os outros se baseiam para falar. O sucesso da comunicação depende apenas em partilhar representações e não fazer a mesma ligação entre as situações do mundo e as expressões linguísticas (Cançado 2008: 24).

Seguindo as gramáticas cognitivas, é possível compreender que “o significado é construído a partir de estruturas conceituais convencionalizadas e que as categorias mentais das pessoas são formadas a partir da sua experiência de crescer e agir em um mundo.” (Cançado 2008: 97). Nesse sentido, é possível compreendermos que a variação semântica está diretamente relacionada com experiências pessoais do falante, que se baseiam em suas representações mentais para produzir os significados em questão.

De acordo com a sociolinguística, a variação pode ocorrer tanto dentro da língua, como fora dela. Partindo dos diferentes níveis linguísticos em que ela ocorre, temos que, na variação fonológica, ocorre o processo de desnasalização, “transformação de um fonema nasal em oral.” (Coelho *et al.* 2012: 55). Isso nos permite compreender a mudança entre a forma *homem* e *home*. Seguindo essa linha de raciocínio, ao analisarmos fonologicamente o termo

home, podemos compreender que, devido ao fato de o fone [e] estar em posição postônica final, é possível encontrar um alofone para ele, isto é, “unidade que se relaciona à manifestação fonética de um fonema” (Silva 2003: 135), sendo portanto o fone [i]. Assim, é concebível imaginar duas realizações fonéticas para o termo *home*: *ome* e *omi*, o que nos leva a compreender de que forma surgiu a escrita do termo *homi* nas redes sociais. Essa cadeia de mudanças para a palavra *homem* se dá como uma marca da variação dialetal, sendo a forma *omi* mais comum nos dialetos do português brasileiro, uma vez que, segundo Oliveira & Santos (2018), a vogal /e/ em posição pós-tônica tem produção menos sonora do que a pretônica.

3. Metodologia

O presente trabalho tem como base metodológica uma pesquisa quantitativa, feita com estudo por amostragem não-probabilística. Os dados foram coletados na rede social em questão, o *Twitter*, por meio do mecanismo de busca pelos termos *homem*, *homi* e *macho* em dias e horários alternados, selecionando apenas as postagens de nacionalidade brasileira. Aqui, não foi considerada a forma *home*. Foram selecionados 40 *tweets* para cada uma das palavras pesquisadas, gerando um *corpus* total de 120 usos, o que nos permitiu subdividir o nosso *corpus* em três subgrupos: o relativo às ocorrências de *homem*, o relativo às ocorrências de *homi* e o relativo às ocorrências de *macho*. Para o estudo dos dados obtidos, realizou-se uma análise de conteúdo, observando cada um dos *tweets* coletados, analisando-os semanticamente e pragmaticamente. Separamos os usos em quatro categorias principais, com o intuito de estabelecer um *continuum* de significados: [+elogioso], [neutro], [+pejorativo] e [++pejorativo], em que [elogioso] possui um caráter antagônico ao [pejorativo], constituindo um elogio, [+neutro] não carrega nenhuma significação para além da denotação da palavra *homem*, [+pejorativo] indica uma suave conotação insultante, com caráter implícito, [++pejorativo] indica uma forte conotação desdenhosa, com caráter explícito.

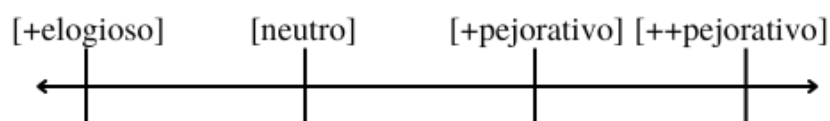


Figura 1. *Continuum* de significados

Também foi analisado se o uso se relacionava a uma pessoa próxima ao falante ou mais distante dele, se era uma referência genérica ou até mesmo uma autorreferência. Por ‘próximo ao falante’, consideraram-se pessoas conhecidas, pertencentes à rede social do falante. Já o ‘distante do falante’ caracterizou-se como tratando-se de pessoas desconhecidas pelo falante, mas que precisam ser referenciadas, como famosos.

4. Análise de Dados

Para melhor compreensão do fenômeno em questão, veja-se a tabela abaixo:

	[ELOGIOSO]	[NEUTRO]	[+ PEJORATIVO]	[++ PEJORATIVO]	N.º TOTAL DE OCORRÊNCIAS
HOMEM	20%	72,5%	7,5%	0	40
HOMI	27,5%	25%	32,5%	15%	40
MACHO	7,5%	20%	42,5%	30%	40
TOTAL	18,34%	39,16%	27,5%	15%	120

Tabela 1. Ocorrência e classificações dos termos

Analisando a tabela 1, é possível compreender que cada um dos termos analisados é usado com prevalência de um sentido diferente. O termo *homem* é o único que é usado, quase em sua totalidade, com um único sentido, o neutro. Já o termo *macho* é o que possui maior tendência de uso em relação ao sentido [+ pejorativo], embora a conotação [++ pejorativo] apareça com uma frequência alta também. Ademais, é possível perceber que o termo *homi* possui ampla distribuição do seu uso, tendo números muito próximos entre o [elogioso], [neutro] e [+ pejorativo] sendo este último o uso com maior ocorrência, como nos seguintes casos:

- (7) “o homi é cheiroso”
- (8) “todo dia eu arrumando alguma coisa pra comprar na tabacaria pq stou apaixonada no homi”
- (9) “homi é uma raça folgada demais”

A seguir, a análise do grau de proximidade do falante em relação ao termo referenciado, conforme já explicado na seção anterior:

	PRÓXIMO AO FALANTE	DISTANTE DO FALANTE	REFERÊNCIA GENÉRICA	AUTORREFERÊNCIA	N.º TOTAL DE OCORRÊNCIAS
HOMEM	17,5%	12,5%	60%	10%	40
HOMI	49,5%	22,5%	27,5%	2,5%	40
MACHO	15%	12,5%	72,5%	0	40
TOTAIS	26,67%	15,83%	53,34	4,16%	120

Tabela 2. Grau de proximidade do falante em relação ao termo referenciado

Analisando a tabela 2, é possível depreender que os termos *homem* e *macho* são usados, de forma predominante, como referências genéricas, isto é, para se referir ao conjunto de seres humanos do sexo masculino. Além disso, é possível depreender que o termo *homi* é usado com maior frequência para se referir a alguém próximo do falante. Outro fenômeno observado é que apenas os termos *homem* e *homi* são usados como mecanismos de autorreferência, como nos casos:

(10) “LETICIA TA VENDENDO THE BOYS SOU O HOMEM MAIS FELIZ QUE EXISTE”

(11) “A felicidade do homi é comer pastel e comprar planta”

Para compreender a correlação entre o sentido pejorativo do uso do termo e o grau de proximidade do falante com o indivíduo referido, foi preciso uma análise separada para cada termo.

	PRÓXIMO AO FALANTE	DISTANTE DO FALANTE	REFERÊNCIA GENÉRICA	AUTORREFERÊNCIA	N.º TOTAL DE OCORRÊNCIAS
[ELOGIOSO]	50%	37,5%	12,5%	0	8
[NEUTRO]	3,45%	6,9%	75,86%	39,79%	29
[+ PEJORATIVO]	66,67%	0	33,33%	0	3
[++ PEJORATIVO]	0	0	0	0	0
TOTAL	17,5%	12,5%	60%	10%	40

Tabela 3. Relação entre a conotação do termo *homem* e a proximidade do falante

Examinando os dados obtidos, na tabela 3, é possível perceber que o uso predominante do termo *homem* está relacionado à conotação neutra, isto é, sem haver carga de julgamento enquanto não há um referente específico no discurso. Além disso, o sentido

[elogioso] foi percebido com maior prevalência em referentes próximos ao falante. Já o sentido [+ pejorativo] também foi usado, em sua maioria, em referentes relacionados à rede social do falante, como nas ocorrências:

- (12) “Mulher quando descobre seu próprio valor, não sofre por homem nenhum mais.” - para o sentido [neutro]
- (13) “E o vovô decidiu mais um jogo. Não tem jeito, O homem é muito gênio!” - para o sentido [elogioso]
- (14) “eu sinceramente não entendo como que meu pai consegue ser tão fdp, olha viu, ô que homem insuportável” - para o sentido [+ pejorativo]

Segue-se, agora, para a análise do termo *homi*:

	PRÓXIMO AO FALANTE	DISTANTE DO FALANTE	REFERÊNCIA GENÉRICA	AUTORREFERÊNCIA	N.º TOTAL DE OCORRÊNCIAS
[ELOGIOSO]	63,64%	27,27%	9,09%	0	11
[NEUTRO]	50%	20%	20%	10%	10
[+ PEJORATIVO]	38,46%	23,08%	38,46%	0	13
[++ PEJORATIVO]	33,34%	16,66%	50%	0	6
TOTAL	47,5%	22,5%	27,5	2,5%	40

Tabela 4. Relação entre a conotação do termo *homi* e a proximidade do falante

Analisando a tabela 4, percebe-se que o uso de *homi* está amplamente distribuído entre os casos analisados. É, ainda, possível constatar que, dentre os significados de maior ocorrência, como foi analisado na tabela 1, seus usos estão majoritariamente ligados a um referente próximo do falante, com exceção do sentido [+ pejorativo], que também possui um número de ocorrências semelhantes para a referência genérica. Ademais, a conotação [elogioso] foi percebida com maior frequência nos casos em que o referente era próximo do falante.

Por fim, serão examinadas as ocorrências específicas de *macho*:

	PRÓXIMO AO FALANTE	DISTANTE DO FALANTE	REFERÊNCIA GENÉRICA	AUTORREFERÊNCIA	N.º TOTAL DE OCORRÊNCIAS
[ELOGIOSO]	33,33%	33,33%	33,33%	0	3
[NEUTRO]	12,5%	0	87,5%	0	8
[+ PEJORATIVO]	5,88%	23,53%	70,59%	0	17
[++ PEJORATIVO]	25%	16,67%	58,33%	0	12
TOTAL	15%	17,5%	67,5%	0	40

Tabela 5. Relação entre a conotação do termo *macho* e a proximidade do falante

Com a tabela 5, depreende-se que o termo *macho* é usado com maior prevalência em casos [+ pejorativo] em que se faz uma referência genérica. Ademais, é possível perceber que esse mesmo padrão é percebido quando é usado com conotação [++ pejorativo]. Aqui, não foi possível inferir informações relacionadas à conotação [elogioso], visto que a distribuição de ocorrências foi igual.

5. Considerações Finais

Como se pode verificar, a análise que se apresenta neste texto a respeito da mudança de sentido do termo *homem* para as variações *homi* e *macho* aponta para a forte influência da representação mental do falante, tal como é proposto pelas teorias semânticas cognitivas, sustentando a variação semântica entre os termos avaliados. Embora o termo *macho*, de forma isolada, não seja uma variação do termo *homem*, uma vez que possuem sentidos diferentes, é possível compreender que, com base nos usos analisados, ele pode ser considerado uma extensão da semântica de *homem*, sendo também uma forma de se referir ao sexo masculino da espécie humana.

Quanto às hipóteses iniciais, foi confirmado o que se esperava em relação ao padrão de uso do termo *homem*, que se dá, majoritariamente, com significação neutra e, além disso, foi possível perceber que essa conotação está diretamente ligada a uma referência genérica. Também se confirmou o que foi previsto em relação ao uso [++pejorativo], que está diretamente ligado a contextos de xingamentos explícitos, sendo os termos usados com esse

sentido correlacionados a adjetivos negativos, como *escroto* e *babaca*. Embora tenha sido previsto que essa conotação estivesse relacionada ao termo *macho*, conclui-se que não existe nenhum termo em específico que carregue esse sentido máximo de pejoratividade e que, além disso, esse sentido é usado, em sua maioria, para fazer uma referência genérica.

Já as hipóteses relacionadas aos termos *homi* e *macho* foram refutadas. Para *homi*, encontrou-se uma distribuição muito semelhante entre as conotações [+elogioso], [+neutro] e [+pejorativo], havendo um leve destaque para o sentido [+pejorativo], tal como previsto. Ademais, foi possível perceber que o uso desse termo está prevalentemente associado a um referente próximo do falante. Por fim, para o termo *macho*, verificou-se que o sentido com maior uso é o [+pejorativo] e não o [++pejorativo], sendo esse sentido usado como uma referência genérica. Além disso, foi possível perceber também que o sentido [elogioso] é usado de forma hegemônica para se referir a alguém próximo ao falante.

Referências Bibliográficas

Barwise, J.; Perry, J. 1983. Situations and attitudes. Cambridge: MIT Press.

Battisti, E. 2014. Redes sociais, identidade e variação linguística. In Metodologia de coleta e manipulação de dados em Sociolinguística (79-98). São Paulo: Blucher. Disponível na Internet em <http://dx.doi.org/10.5151/BlucherOA-MCMTDS-7cap>, acessado em 30.05.2022.

Cançado, M. 2008. Manual de Semântica: Noções básicas e exercícios. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG.

Coelho, I.; Görski, E.; De Souza, C.; Mey, G. 2012. Sociolinguística. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC.

Coelho, I.; Görski, E.; De Souza, C.; Mey, G. 2018. Para conhecer sociolinguística. São Paulo: Contexto.

De Aquino, Z.; Dioguardi, G. 2013. Argumentação nas redes sociais: o tweet – caracterização e funcionamento. *ContraPonto* 3(3): 70-92. Disponível na Internet em https://web.archive.org/web/20180521180154id_/http://periodicos.pucminas.br/index.php/contraponto/article/viewFile/6524/pdf, acessado em 01.06.2022.

Evans, B. 2004. The role of social network in the acquisition of local dialect norms by Appalachian migrants in Ypsilanti, Michigan. *Language Variation and Change* 16(2): 153-167.

Labov, W. 2010. Principles of Linguistic Change Volume 3: Cognitive and Cultural Factors. Malden: Wiley-Blackwell

Marcuschi, L.; Xavier, A. (Orgs.). 2010. Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido. São Paulo: Cortez.

Milroy, L.; Milroy, J. 1992. Social networks and social class: Toward an integrated sociolinguistic model. *Language in Society* 21 (1): 1-26.

Oliveira, M; Santos, J. 2018. Análise das vogais átonas finais /e/ e /o/ em sândi vocálico externo em dados do Projeto NURC-Recife. *DELTA* 34(4): 1243-1274. Disponível na Internet em <https://doi.org/10.1590/0102-445033561122072027>, acessado em 28.12.2022.

Silva, T. 2003. Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios. 7ª ed. São Paulo: Contexto.

Theveno, G. 2007. Blogging as a social media. *Tourism and Hospitality Research* 7(3/4): 282-289.

Vermelho, S.; Velho, A.; Bonkovoski, A; Pirola, A. 2014. Refletindo sobre as redes sociais digitais. *Educação & Sociedade* 35(126): 179-196. Disponível na Internet em <https://doi.org/10.1590/S0101-73302014000100011>, acessado em 01.06.2022.

Weinreich, U.; Labov, W.; Herzog, M. 2006. Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística. São Paulo: Parábola

Anexos

Anexo 1: *Corpus* do uso da palavra *homem*

1. "Ser homem = se distrair por horas pensando como eu costumizaria o meu fiesta 1.3 95 pra deixar ele andando lisinho.
*eu não tenho um fiesta
*eu não sei customizar um carro"
2. Mulher quando descobre seu próprio valor, não sofre por homem nenhum mais..
3. Homem precisa tanto assim cortar o cabelo? (realmente não faço ideia) (tbn só ficava com os q n cortavam o cabelo nunca, inclusive tô casada com um)
4. Acho ridículo os flamenguistas pedirem a saída de Paulo Sousa, homem que mais diverte o Brasil atualmente.
A torcida do Flamengo é muito egoísta.
5. Todo homem é igual, menos jake peralta, ele é o jake peralta sabe
6. pois só respondo meu homem o único que ta desarquivado
7. eu deixaria um homem com nevou acabar com a minha vida
8. Em um país em que uma fala de um homem vale mais que uma prova e 85 testemunhas ÓBVIO que é necessário filmar
9. o homem depois que termina incorpora todas as blogueiras de uma vez só
10. Tem que entrar no CT e quebrar a pau um por um lá dentro até tomarem vergonha na cara e virarem homem

11. e na minha cidade que tem um bar que o aviso é, se a mulher se sentir intimidada por algum homem, é pra falar tam coisa no balcão que eles ajudam a VÍTIMA a chamar um uber para ir embora
12. E o vovô decidiu mais um jogo. Não tem jeito, O homem é muito gênio!
13. Sou repelente de homem, q m*rda
14. E se vier homem aqui falar QUALQUER coisa que não seja "absurdo" sobre esse retrocesso eu não respondo por mim, sério.
15. simplesmente o homem mais cheiroso do mundo indo dormir sozinho em seropedica numa sexta feira que mundo cruel
16. jesus conversar com homem é difícil ein
17. Palavra de homem não faz curva !
18. LETICIA TA VENDO THE BOYS SOU O HOMEM MAIS FELIZ QUE EXISTE
19. meu deus que homem lindo
20. eu sinceramente não entendo como que meu pai consegue ser tão filho da puta, olha viu, ô que homem insuportável
21. Muito fácil ferir a masculinidade de um homem. Calma meninos!
22. pq eu me atraio por esse tipo de homem ?
23. gostar de homem foi a pior coisa que me aconteceu meu Deus
24. juro que ultimamente homem que faz joguinho de desinteresse ou de ego lá em cima me dá tanta preguiça q mds
25. Nunca vou me cansar de dizer que meu pai é o homem mais foda que eu conheço e não é só pq é o meu pai
26. Hoje o meu ilustríssimo namorado está fazendo salgado pra eu comer, hahahah amo namorar esse homem
27. no dia que eu achar um homem que ame os pagodin da Ludmilla e ame o baco, aí eu caso
28. O homem desenhando um leão e a minha vó oia é um passarinho kkkkk
29. hoje eu fiz uma brownie... mt gostoso, enfim o homem independente
30. passo mall como esse homem é fifi
31. vai tomar no c* q isso que coisa bizarra eu quero esse homem na cadeia o resto da vida dele
32. Dinheiro, mulher, futebol. Esses são basicamente o problema de todo homem médio brasileiro
33. - Quanto posso gastar? - Perguntou
- Eu ligo quando as mensagens no celular começarem a me assustar.
tenho tesão em homem rico
34. Eu simplesmente tirei foto com o homem
35. Só aturo homem q eu gosto/amo. Só me importo de bater cabeça INFELIZMENTE quando eu gosto, e no momento NÃO TEM UM HOMEM q possa tá merecendo q eu fique batendo cabeça. felizmente, hoje em dia tenho sentimento por ninguém. Vocês tem que para de achar q homem é troféu p vocês
36. O Bang Chan canta, dança, produz e ainda voa. Que isso, o que esse homem não pode fazer, hein?
37. como é que um homem lindo desse pode ser meu namorado
38. nunca namoraria um homem feminista pq nunca aceitaria que meu namorado apoiasse todas as mulheres e não so a mim. ele precisa odiar todas as mulheres que nao sao eu
39. lee know é o homem mais bonito que já pisou na terra ele é muito hipnotizante
40. sexualidade nao eh brincadeira pra vc ficar falando q eh lesbica numa semana e na outra der em cima de homem

Anexo 2: *Corpus* do uso da palavra *homi*

1. O homi bebedo cerveja NO COPO sentou em meu lado no ônibus, q ele não derrame em mim.
2. desde que sonhei que tava namorando uma menina ,to sentindo nojo de homi graças a deus curado do bissexualismo
3. homi é uma raça folgada demais
4. Tá onde esse homi, vive em Nárnia ?
5. o homi é cheiroso
6. To preocupada gente, pq eu me imagino mt namorando aquele homi
7. pedi 1 gol e meu homi meteu logo 8!!! tudo p mim!!!
8. Mds o homi querendo carregar meu computador, formatar ele, mds a m*rda que seria perder as coisas do trabalho
9. O HOMI NAO PEDIU A MENINA EM NAMORO NO RODRIGO FARO NAO NE KAKAKAKAKAKAKAKAKAKAKAKAAK SÓ TEM GENTE DOENTE DA CABEÇA
10. todo dia eu arrumando alguma coisa pra comprar na tabacaria pq stou apaixonada no homi
11. ces lembram qdo a gente chamava um homi bonito de "sapão"? kkkkk
12. diacho de homi gostoso é esse jss
13. (terminei de ler ""o jogo do amor/ódio"
eu não quero deixar eleeeeeeeeeeeee NAOQ euro não quero eu quero um Joshua p mim eu preciso desse homi)"
14. Sinceramente vou passar um tempo sem beber e sem usar essa porcaria desse vape viu, quem inventou isso foi a feb tiff homi
15. amanhã vou linda na gráfica imprimir foto de homi pelado
16. Ksksksksksksk esses homi de Curvelo deveriam ter vergonha isso sim
17. O homi acorda bonito pqp
18. Acordei e tinha um texto tão lindo do Mica pra mim, que homi incrível que eu tenho
19. A felicidade do homi é comer pastel e comprar planta
20. mano acho q matei o homi
21. Queria tá indo p igreja, Porém mozi tá doentinho muita febre se for chega o homi morreu kk
22. "Esses homi que me chama de Byanquina
Já sei que é golpe"
23. fiquei sabendo q tu quer com meu homi se meter não me leva mal amor só vai dar eu i vc, 5 minutinhos pra q? se 1 segundo é o bastante! eu acabo com vc e com essa marra de amante.
24. só esse homi p faze eu ir p cozinha uma hora dessa
25. q saco qria o ruan pra mim, n aguento mais romantizar este homi
26. queria bjar aquele desgr*çado, mas até pra cv's o homi é difícil
27. o homi chato do car*lho pqp
28. Gente eu briguei com o homi pq meu horário era 11h e o dele 11h20, passei na frente, quando fui atendida descobri que eu tinha marcado pra semana que vem
29. no crisma de sábado só tem muie bonita e no de domingo homi bonitinho,que saco em queria ficar nos dois
30. o homi chegou arrastando o carro, com o som no talo e a cara dele de ladrao eu n aguento n
31. não tem condições o dedo podre que eu tenho pra homi
32. homi realmente é tudo igual kkkkkkkkkk foi rejeitado e começou a esculhambação
33. Aniversário do homi hj lançamento do clipe nos ta p cima
34. tá pra nascer um homi que mande em mim, td fraco sem talento!!!!
35. o homi ta bonito
36. a vontade de pegar esse "homi" é tão grande que até sonhar como macho eu to sonhando
37. E NÃO VAMO SE ENTREGAR PRO HOMI, MAS DE JEITO NENHUM
38. Não tem como, é o homi de novo
39. (Luan Santana chamou Zé Neto e João Gomes e falou assim:
"Vou ensinar vocês a fazer um show, toma!"
O homi é brabo)

40. Meu homi

Anexo 3: *Corpus* do uso da palavra *macho*

1. Tem uns macho que vou te falar viu , BURROS DO CAR*LHO PQP
2. tadinha tão bonitinha nem parece q foi usada p suprir carência de macho que falava mal do corpo dela pra ex kkkkkk
3. MACHO EU TENTO TE DEFENDER MAIS PQP
ME AJUDA A TE AJUDAR
4. Quantos macho escroto testaram tua paciência essa semana ?
5. Uns macho emocionado
6. ELA NAO GOSTA DE MACHO ((nao to surpresa
7. mds quanto macho, a radiação desse lugar
8. até agr não decidi se vou pra festa bem macho alfa ou patyzinha
9. pessoas quem esquecem os amgs por macho (emoji) uma hr o amor acaba kk
10. Enquanto houver mãe que apoia safadeza de filho, só vai existir geração de macho escroto.
11. Pra mim não tem nada mais irritante do que ouvir piadinha sobre ir ido num show do artista que EU gosto como se fosse a coisa mais infantil do mundo sendo que na hora de macho se esgoelar por time todo mundo acha lindíssimo, ah vai se foder
12. meu deus q nojo eu tenho de macho q se faz de bonzinho e no fundo eh escroto só isso q vou dizer por enquanto
13. Eu não tenho tempo pra mim direito,só pra trabalhar no meu álbum ,quem dirá pra pensar em macho pqp
14. E eu ainda tenho fê que vou achar um cara responsa sendo que meu gosto pra macho é noia mucilon kkkk
15. Macho esquisito eu em
16. O cara gosta de tá rodeado por macho. Bolsonaristas adoram machos. Podem perceber.
17. Macho chocada com esse caso, mulher realmente n tem um minuto de paz
18. incrível como macho não desiste pqp, sai do meu pé d*sgraça
19. dormi sentindo o cheirinho dele,q fase dormir com blusa de macho boyyy
20. Macho, meu sonho é fazer uma fogueira so com ukulele
21. ta chovendo macho kkkkkk
22. machos, bons para irem para a linha da frente de combate mostrar o engenho e a coragem
23. foda em amigona, tá passando algum tipo de necessidade? só da em cima de macho casado
24. como assim os solteiros tb estão acabando??? num tinha um monte de macho sozinho??
25. Meu Deus como esse piquena pode ser tão burra pra macho MEU DEUS
26. eu jamais vou ir tirar satisfação c menina por homem pq eles não valem nada, enquanto se ta indo debater com a menina o macho tá entortando o pescoço pra olhar ela na rua kkkkkk
27. MACHO O QUE DIABO É ISSO EWWWWWWWWWW WUR NOJO ALGUÉM FAZ
ISSO PARAR
28. Eu tenho um ranço de macho que 'nao acredita em história de est...'. Quem eh vc pra acreditar ou n, palhaço? Eh polícia? O dia que comerem teu c* vc me avisa pra eu não acreditar em vc tb.
29. Te amo Giovanna julgando machos feios
30. metrozinho vazio de manha com macho te encarando hmm delicia gostinho de quero mais
31. e esse babado do Jonas Esticado. Gente isso é tão problemáico! A sociedade passa a mão na cabeça e aplaude um macho q diz q o Danone do filho é luxo mas vive ostentando, até QUANDO as mulheres vão ter q passar por isso? Serem responsabilizadas pelos filhos sozinha, que ódio!!!
32. blz o sotaque carioca é safadinho mas nenhum da mais tesao que o do macho recifense
33. Vendo o depoimento do Jonas esticado mds como ele é um macho escroto pqp o choro de crocodilo, o roteiro de milhões e o melhor de tudo foi o áudio da Herica no final

34. Ainda não vi Ngm falando do macho que bateu em uma menina no 309. Bora, cadê o exposed do vagabundo ?!
35. um macho só vai me fazer chorar de novo se ele roubar meu celular
36. todas sedentas nessa comunidade hein n podem ver um macho com abdômen definido já entram no cio
37. o conteúdo eh so macho término macho término indireta macho como q vive em
38. Sofrendo por macho, mas não deixando de treinar
39. ouvindo musica de macho alfa hj .. taylor swift!!
40. esse macho pqp hein

O PAPEL DE EXPRESSÕES TEMPORAIS NA COESÃO TEMPORAL EM NOTÍCIAS

Cláudia Maria Gomes Pimentel⁴

clauiaralia@gmail.com

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO (PORTUGAL)

Maria Francisca Maltez Cardoso Zagalo de Lima⁵

up202007988@edu.letras.up.pt

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO (PORTUGAL)

RESUMO. O objetivo do presente estudo foi fazer uma caracterização das expressões temporais e determinar o seu funcionamento na construção da coesão temporal em notícias de carácter narrativo. Através da análise dos dados, foi possível destacar algumas das características das expressões temporais em notícias, nomeadamente: (i) a predominância da relação de simultaneidade entre a expressão temporal e a situação por ela localizada, que, na maior parte dos casos, é descrita no pretérito perfeito, (ii) a utilização preferencial de sintagmas preposicionais com valor temporal, (iii) a maior frequência de sequências de pretérito perfeito e de pretérito imperfeito no caso das frases com orações temporais, e (iv) a presença sobretudo das relações de simultaneidade e posterioridade entre expressões temporais sequencialmente ordenadas. Os resultados permitem corroborar a hipótese inicial sobre a relevância das expressões temporais para a coesão temporal da notícia.

PALAVRAS-CHAVE. Coesão temporal; Expressões temporais; Relações temporais; Notícias.

ABSTRACT. The aim of the present study was to characterize temporal expressions and to determine how they function in building temporal cohesion in narrative news. Through data analysis, it was possible to highlight some of the characteristics of temporal expressions in news, namely: (i) the predominance of the simultaneity relationship between the temporal expression and the situation located by it, which, in most cases, is described in the *pretérito perfeito* tense, (ii) the preferential use of prepositional phrases with temporal value, (iii) the higher frequency of perfect and imperfect past

⁴ Estudante do 1º ano da Licenciatura em Ciências de Linguagem – Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

⁵ Estudante do 3º ano da Licenciatura em Ciências de Linguagem – Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

sequences in the case of sentences with temporal clauses, and (iv) the presence, above all, of simultaneity and posteriority relations between sequential temporal expressions. The results allow us to corroborate the initial hypothesis about the relevance of temporal expressions for the temporal cohesion of the news.

KEYWORDS. Temporal cohesion; Temporal expressions; Temporal relations; News.

1. Introdução

Segundo Dijk (1983:28), a notícia não é apenas uma descrição dos factos, mas também um tipo específico de (re)construção da realidade de acordo com as normas e valores de uma determinada sociedade. Assim, uma notícia contém “um conjunto de informações que remetem para o mesmo espaço temático com um carácter de novidade proveniente de uma determinada fonte e que pode ser tratado de várias formas”⁶ (Charaudeau 2005, citado em Cañete 2011: 275). De facto, o seu principal valor é “a atualidade, apresentada numa linguagem clara, precisa e concisa” (Lusa 2019: 22).

Gonzalo Abril (1997, citado em Cañete 2011: 276) descreve a notícia como “um género discursivo ou simplesmente um discurso (...) um enunciado narrativo ou sequência de enunciados narrativos”. Este género é comumente caracterizado como sendo construído “com base na técnica da pirâmide invertida”, procurando dar resposta a perguntas como *O quê?*, *Quem?*, *Quando?*, *Onde?*, *Como?* e *Porquê?* (Cañete 2011: 278).

Tendo a notícia muitas vezes um carácter narrativo, e sendo necessário localizar temporalmente o que é relatado, as expressões temporais (Et), que serão o objeto de análise do presente artigo, desempenham um papel fundamental na construção da coesão temporal.

A investigação a seguir apresentada tem como objetivo fazer uma caracterização geral das Et e determinar de que modo contribuem para a coesão temporal em notícias. Para tal, foi construído um *corpus* de notícias, posteriormente explorado de modo a retirar a totalidade das expressões com valor temporal, com exceção dos tempos verbais.

Foi esta a base para a elaboração do presente artigo, estruturado em quatro componentes principais: introdução; enquadramento teórico (secção 2); apresentação do

⁶ Tradução livre das autoras.

estudo (secção 3), dividida em descrição do *corpus* (3.1), metodologia utilizada (3.2), apresentação dos resultados (3.3) e discussão dos resultados (3.4); considerações finais (secção 4).

2. Enquadramento Teórico

Para a realização do presente estudo, alguns conceitos teóricos são fundamentais, nomeadamente: coesão textual, coesão temporal, tempo, tempo verbal, adverbiais de tempo, entre outros, que passamos a explicitar.

O *texto* surge como “uma sequência ordenada e hierarquizada de enunciados”. As intenções comunicativa e poético-representativa contribuem para a organização das macroestruturas semânticas e formais, bem como das microestruturas semânticas e estilístico-formais. Utiliza códigos, regras, convenções e estratégias discursivas que “contribuem para configurar o *plano do texto*”⁷ (Dicionário Terminológico).

“No cerne da definição do texto, a coerência é, em linguística textual, inseparável da noção de coesão, com a qual é frequentemente confundida” (Charaudeau & Maingueneau 2004: 98). Um texto diz-se coerente quando apresenta uma relação de conexão entre as unidades que o constituem. A *coesão* pode ser externa ou interna: a externa “não está apenas limitada às propriedades textuais, mas resulta de processos cognitivos” (Mendes 2013: 1694); já a interna - ou *coesão* - é uma propriedade linguística dos enunciados respeitante à correlação entre os vários elementos linguísticos ao longo do texto: a denominada *correferência* (Figueiredo & Figueiredo 1988: 116).

Existem diferentes tipos de coesão: lexical, referencial, interfrásica, temporal e frásica (Mateus & Villalva 2006: 67, Raposo *et al.* 2013: 1701-1742). A coesão temporal, que é o foco deste trabalho, é assegurada por processos como “conexões de sequência temporal entre períodos simples, compostos ou complexos”, tempos verbais e expressões temporais (Duarte 2003:109), criando uma linha sequencial narrativa ao longo do tempo e contribuindo, assim, para a coesão textual.

As noções de coesão temporal e de tempo estão relacionadas entre si. A categoria semântica do *tempo* permite “exprim(ir) a localização temporal da situação expressa numa oração” (Oliveira 2013: 509) e “serve para localizar as situações (eventos ou estados)

⁷ São destacados a negrito e a itálico termos considerados relevantes para o enquadramento teórico, mesmo que não surjam destacadas nos textos originais de onde foi retirada a citação.

expressas nas línguas em diferentes tipos de enunciados” em intervalos de tempo. Através desta categoria, podem estabelecer-se relações de ordem cronológica em relação a um tempo tomado como sendo de referência. Sob um ponto de vista bidimensional, podemos abordar as relações temporais numa perspetiva temporal de *presente*, *passado* e *futuro* - referente às relações estabelecidas entre o ponto de referência e o tempo de enunciação - ou, ainda, através de localização temporal de *anterioridade*, *simultaneidade* e *posterioridade* - considerando as relações temporais entre o ponto de referência e o tempo da situação (Matos 2000: 184).

A localização temporal é, habitualmente, marcada “através dos *tempos verbais*, embora os advérbios ou expressões adverbiais de tempo e certas construções temporais tenham também essa função” (Oliveira 2003: 129), dado que fornecem coordenadas temporais que permitem situar os eventos num momento ou intervalo de tempo (Matos 2000:184).

Considera-se *tempo verbal* o tempo linguístico destinado à localização temporal das situações expressas nos enunciados, particularmente nos constituídos por frases (Oliveira 2013:509).

Assim como noutras línguas, o sistema verbal português é constituído por vários tempos. No *corpus*, foram encontrados os seguintes: presente, pretérito perfeito, pretérito imperfeito, pretérito mais-que-perfeito, condicional, condicional composto, futuro e futuro composto, infinitivo, infinitivo composto e gerúndio. Por esta razão, far-se-á apenas referência a estes.

O *presente* é um tempo que raramente expressa valor temporal de presente real. Com esta leitura, caracteriza estados ou eventos em caso de relatos diretos ou enunciados performativos. De modo geral, o presente tem leitura de habitualidade. Este tempo pode exprimir uma projeção de passado ou de futuro e pode ser usado para dar instruções (Oliveira 2003: 144).

O *pretérito perfeito* é, de facto, um tempo do passado. Não se apresenta como perfeitivo, pois não determina, na maioria dos casos, a existência de um estado consequente. Considera-se sempre terminativo pelo facto de “marcar um momento em que um estado ou um evento terminou, podendo só nos casos em que há culminação inferir-se um estado consequente” (Oliveira 2003: 156).

O *pretérito imperfeito* é igualmente um tempo gramatical com informação de passado. Por se caracterizar como tempo alargado, os eventos podem ser alterados, verificando-se

“uma sobreposição parcial ou total com um tempo do passado, ou ainda uma relação de inclusão” (Oliveira 2003: 156).

O *pretérito mais-que-perfeito* (simples) é pouco utilizado em português. Este tempo “localiza uma situação no passado relativamente a outra situação também passada, tomada como tempo de referência”. É equivalente ao pretérito mais-que-perfeito composto e ambos são substituíveis um pelo outro (Oliveira 2013: 524).

O *condicional* «pode ter um valor temporal de “Futuro do Passado”», que localiza uma situação passada, mas que, por sua vez, é posterior ao ponto de perspectiva temporal fornecido por uma outra situação passada. Pode ter também uma interpretação contrafactual ou eventual. É, ainda, um tempo que pode apresentar um “valor modal epistémico de incerteza ou de probabilidade não confirmada, por parte do falante, relativamente a uma situação cuja localização temporal é o tempo de referência” (Oliveira 2013: 527).

O *condicional composto* tem mais frequentemente leitura modal ou contrafactual, mas pode, também, ter leitura de “futuro do passado” (Oliveira 2013: 532).

O *futuro* “localiza as situações num tempo posterior ao da enunciação”. Pode ter valor modal epistémico de incerteza ou um valor modal deôntico de obrigação (Oliveira 2013: 525).

O *futuro composto* pode ter “uma leitura que representa uma situação concluída posterior à enunciação mas anterior relativamente ao ponto de referência” ou uma leitura modal (Oliveira 2013: 531).

A expressão dos *adverbiais de tempo* é “extremamente variada, podendo ser explicitada através de *advérbios de tempo*, de *sintagmas preposicionais* e também de *sintagmas nominais*. Para além disso, as *orações temporais* podem também contribuir para a informação temporal de uma frase ou de um texto” (Oliveira 2003: 166).

De acordo com Matos (2000: 176), a *polimorfia* dos adverbiais temporais aumenta a complexidade da análise do texto. Neste trabalho, optou-se pelo termo expressões temporais, incluindo nele sintagmas preposicionais, adverbiais e nominais com valor temporal e orações temporais.

3. O Estudo

3.1. Descrição do *Corpus*

Para obter um *corpus* uniforme, foram selecionadas notícias utilizando as palavras-chave: *crime* e/ou *catástrofe*. Estas notícias deveriam obedecer aos seguintes critérios de pesquisa: língua - português europeu; género jornalístico - notícia; pesquisa em linha nas páginas do *Jornal de Notícias*, *Sapo* e *Diário de Notícias*; espaço geográfico - “mundo”.

Após uma revisão mais cuidada dos critérios propostos, o *corpus* final integrou um total de 12 notícias.

Apesar de o objetivo ser uma seleção de notícias com um número idêntico de palavras (cf. Tabela 1), verificou-se que estas apresentam uma média de 230 palavras, com número máximo de 431 e mínimo de 128.

Notícia	Número de palavras
1	163
2	240
3	431
4	354
5	236
6	128
7	232
8	262
9	128
10	174
11	267
12	146

Tabela 1. Número de palavras por notícia

Foram anotadas todas as Et contidas nas notícias, tendo sido obtido um total de 72 expressões.

De modo a permitir uma melhor visualização e organização, foi construída uma base em Excel onde foram registadas as expressões selecionadas do *corpus*, assim como os parâmetros de análise, que serão abordados na próxima secção.

3.2. Metodologia Utilizada

O *corpus* anteriormente descrito foi trabalhado quantitativa e qualitativamente. A análise foi realizada tendo em conta três tipos de parâmetros: categoria sintagmática das Et, tempos verbais e relações temporais.

Assim, depois de constituído o *corpus*, cada uma das Et foi categorizada em relação ao tipo de Et: sintagma nominal, sintagma preposicional, sintagma adverbial e oração subordinada temporal.

Um segundo parâmetro de análise foi o tempo verbal da situação localizada por cada expressão temporal e, no caso das orações temporais, foi também registado o tempo da oração subordinada.

Um terceiro parâmetro de análise diz respeito à relação temporal entre (i) a situação e a Et e (ii) a Et em análise e a Et imediatamente anterior. Os valores das relações temporais foram os seguintes: anterioridade, simultaneidade e posterioridade.

3.3. Apresentação dos Resultados

Os resultados apresentados e discutidos referem-se às 72 Et identificadas, heterogeneamente distribuídas pelas 12 notícias que constituem o *corpus*. Em média, ocorrem 6 expressões por notícia, num máximo de 13 e num mínimo de 2, tal como ilustrado no Gráfico 1.

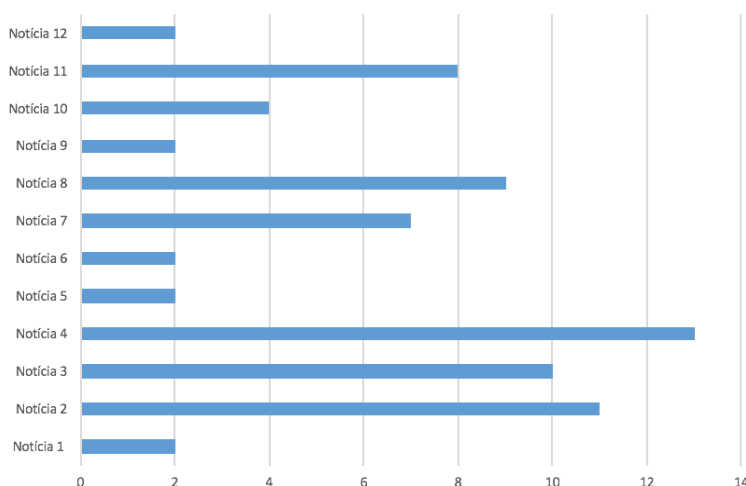


Gráfico 1. Número de Et identificadas por notícia

No momento de análise e categorização das expressões, torna-se evidente um predomínio dos sintagmas preposicionais, que representam 54,17% do total. As restantes categorias surgem numa percentagem inferior: sintagma adverbial (19,44%), oração temporal (16,67%) e sintagma nominal (9,72%), como se pode confirmar no Gráfico 2.

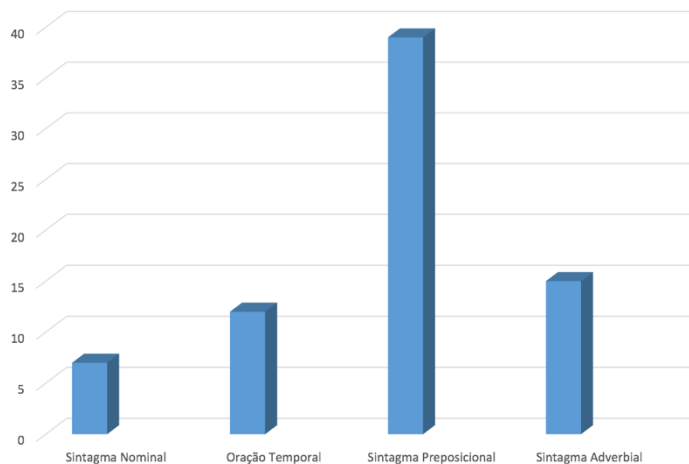


Gráfico 2. Natureza sintática das expressões temporais

Os exemplos que se seguem ilustram cada um dos tipos de Et observadas:

- 1) sintagma adverbial - “(...) aponta **agora**⁸ (...)” (Notícia 10);
- 2) sintagma preposicional - “(...) A justiça belga condenou **nesta sexta-feira** uma mulher de 89 anos a 10 anos de prisão (...)” (Notícia 4);
- 3) sintagma nominal - “(...) Suspeitas de uma fraude de 2,5 milhões de euros na obtenção de fundos europeus levaram à realização de 70 buscas na região Norte, **esta quinta-feira** (...)” (Notícia 5);
- 4) oração subordinada temporal - “(...) que o médico viu **antes de lhe dar alta** (...)” (Notícia 11).

Quanto ao segundo parâmetro de análise, i.e., os tempos verbais, verificou-se que as situações localizadas pelas Et em estudo são representadas pelos tempos verbais presentes no Gráfico 3.

⁸ São destacadas a negrito e a itálico as estruturas linguísticas em discussão, mesmo que não surjam destacadas nos textos originais de onde foi retirada a citação.

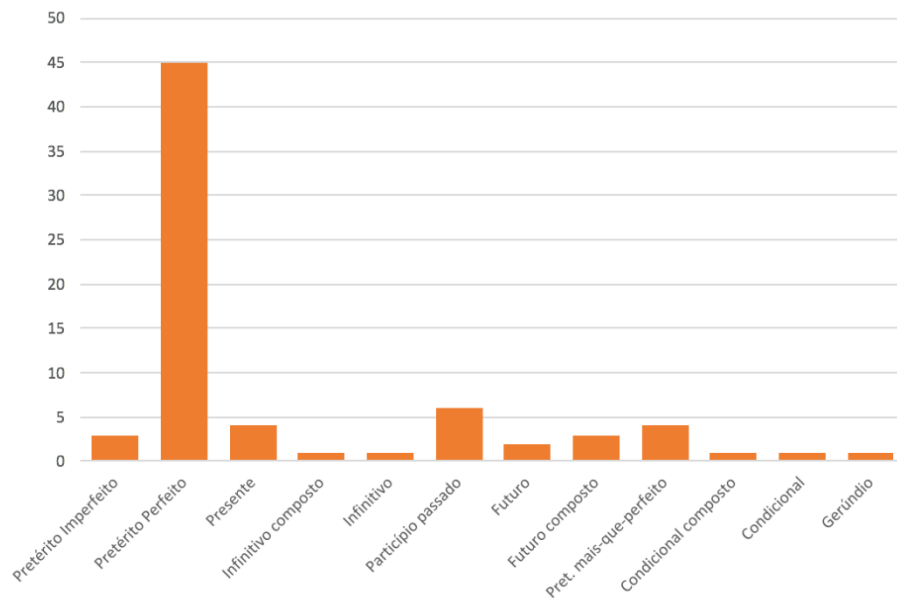


Gráfico 3. Tempo verbal da situação localizada pela Et

Assim, verificou-se que 62,50% das situações são descritas pelo pretérito perfeito (Gráfico 3). Com as demais Et, ocorrem os seguintes tempos verbais: particípio passado (8,33%), pretérito mais-que-perfeito (5,55%), presente (5,55%), pretérito imperfeito (4,17%), futuro composto (4,17%), futuro (2,78%), infinitivo (1,39%), infinitivo composto (1,39%), gerúndio (1,39%), condicional (1,39%) e condicional composto (1,39%).

Os seguintes exemplos ilustram alguns dos tempos verbais referidos acima:

5) Pretérito perfeito - “(...) o paciente **deu** entrada no serviço de urgência na manhã daquele dia (...)” (Notícia 11); “(...) uma adolescente **assassinou** em 2009 (...) uma menina de 9 anos (...)” (Notícia 8);

6) Pretérito imperfeito - “(...) em simultâneo, **insultava-a** (...)” (Notícia 7);

7) Pretérito mais-que-perfeito – “(...) os agressores **já tinham fugido** (...)” (Notícia 2);

8) Presente – “(...) nos próximos dias o resto do país **permanece** em alerta laranja (...)” (Notícia 3);

9) Particípio passado – “(...) na operação **realizada** na manhã desta quinta-feira (...)” (Notícia 6);

10) Futuro composto – “(...) **terá então tentado refugiar-se** atrás do balcão (...)” (Notícia 2).

Dado que 12 das 72 Et encontradas são orações temporais, foi identificado o tempo verbal da oração subordinada (Tabela 2).

Oração principal	Oração temporal	N.º
Pretérito perfeito	Pretérito imperfeito	3
Pretérito perfeito	Infinitivo Composto	2
Pretérito perfeito	Infinitivo	2
Condicional	Pretérito perfeito	1
Pret. mais-que-perfeito	Pretérito perfeito	1
Infinitivo	Pretérito imperfeito	1
Particípio passado	Infinitivo composto	1
Pretérito perfeito	Infinitivo	1

Tabela 2. Sequências de tempos verbais em frases com orações temporais

Como se pode ver na Tabela 2, verifica-se um predomínio de sequências de pretérito perfeito na oração principal e do pretérito imperfeito na oração temporal.

11) “(...) desmaiou (...) **quando** caminhava no centro de Valladolid (...)” (Notícia 3) - Pretérito perfeito + Pretérito imperfeito;

No que se refere à relação temporal, foram efetuados dois tipos de análise: (i) a relação temporal da expressão em causa com a situação que é localizada por essa Et (Gráfico 4) e (ii) a relação da Et em causa com a Et que a precede (Gráfico 5).

Tendo em conta que a primeira expressão de cada notícia não pode ser avaliada em relação à anterior, pelo simples facto de esta não existir, o número total de expressões nos dois grupos não é coincidente (72 na relação Et vs. situação e 60 na relação Et vs. Et anterior).

No que diz respeito à relação entre a Et com a situação por ela localizada, a relação temporal mais frequente é a simultaneidade, embora também se tenham observado casos de posterioridade e anterioridade (Gráfico 4).

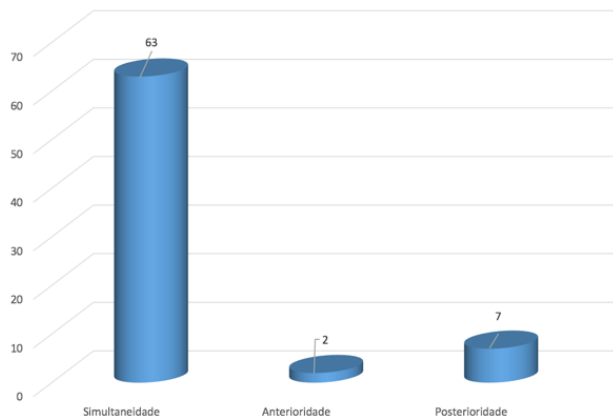


Gráfico 4. Relação temporal entre Et e a situação por ela localizada

Os exemplos seguintes ilustram estas relações:

12) “(...) **na quinta-feira** o serviço meteorológico francês ativou pela primeira vez o alerta de calor extremo (...)” (Notícia 3);

13) “(...) cavou dois buracos para serem usados como eventual sepultura, **uma semana antes de** concretizar o homicídio de Elizabeth (...)” (Notícia 8);

14) “(...) o incidente aconteceu pela 20.20h ... **depois de um dos comerciantes se ter apercebido** (...)” (Notícia 2);

15) “(...) que o médico viu **antes de lhe dar alta** (...)” (Notícia 11).

Em (12), a Et “na quinta-feira” estabelece com a situação de ‘ativar pela primeira vez o alerta de calor extremo’, pelo serviço meteorológico francês, uma relação de simultaneidade, situando-se as duas (Et e situação) no mesmo intervalo de tempo.

Em (13), a Et “uma semana antes de concretizar o homicídio” estabelece com o ato de ‘cavar dois buracos’ uma relação de simultaneidade, situando, tal como acontecia no exemplo anterior, Et e situação no mesmo intervalo de tempo.

Em (14), a Et “depois de...” estabelece uma relação de anterioridade com a hora a que o incidente ocorreu (i.e., às 20.20h), situando, assim, a perceção de algo, por parte dos comerciantes, num momento anterior ao incidente (ou seja, antes das 20.20h).

Em (15), a Et “antes de...” estabelece com a ação de “ver”, por parte do médico, uma relação de anterioridade, situando o momento da ‘alta’ (situação) num intervalo de tempo posterior à Et.

Relacionando a Et em causa com a Et que a precede, a ocorrência de cada uma das relações de localização temporal é muito próxima, surgindo a relação de simultaneidade em

22 Et e a de posterioridade em 21 Et. A anterioridade surge em 17 Et, como se pode verificar no Gráfico 5.

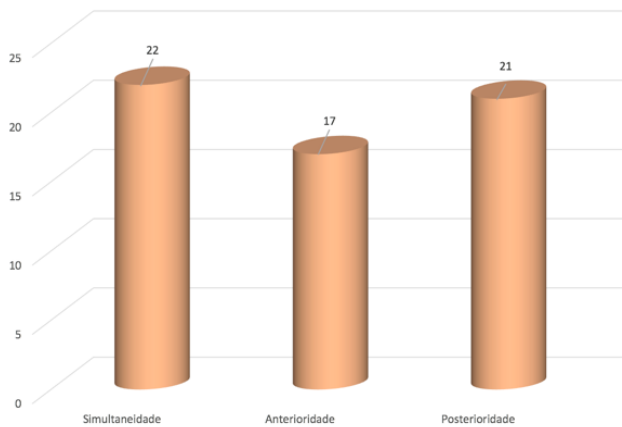


Gráfico 5. Relação da Et em causa com a Et que a precede

Apresentam-se os seguintes exemplos:

16) “que desmaiou **na noite de quinta feira quando caminhava no centro de Valladolid**” (Notícia 3);

17) “Um homem foi detido, **esta quarta-feira**, por ter tentado matar a tiro outro homem, em São Bartolomeu de Messines, no concelho de Silves. **Esta quinta-feira** foi presente a tribunal para aplicação das medidas de coação” (Notícia 1);

18) “O crime ocorreu a 3 de janeiro de 2015. O corpo da vítima, Suzanne Thibeau, foi encontrado na casa onde vivia **ao início da tarde** por um casal amigo. A investigação revelou que tinha recebido **de manhã** a visita da sua velha amiga Clara, a última pessoa a vê-la com vida” (Notícia 4).

Em (16), a Et “quando caminhava... estabelece com a Et que a precede, i.e., “na noite de quinta feira”, uma relação de simultaneidade, situando ambas as Et no mesmo intervalo temporal, sendo, então, o desmaio coincidente com o ato de caminhar.

Em (17), a Et “esta quinta feira” estabelece com a Et que a precede, “esta quarta feira”, uma relação de posterioridade, situando a presença do homem em tribunal num momento posterior à sua detenção.

Em (18), a Et “de manhã” estabelece com a Et “ao início da tarde” uma relação de anterioridade, situando a visita da amiga Clara num momento anterior ao da descoberta do crime.

4. Discussão de Resultados

Após a análise dos resultados, torna-se possível destacar alguns dos elementos mais relevantes.

Antes de mais, é de realçar a presença de Et em todas as notícias, mesmo que o seu número, em cada notícia, seja irregular. A sua utilização faz sentido neste tipo de texto, dado que uma das perguntas a que a notícia deve responder é “*Quando?*”.

Ao categorizar as Et, identificam-se quatro tipos de expressões. Tal como referido anteriormente, destaca-se o sintagma preposicional, sendo importante sublinhar que os sintagmas nominais, os sintagmas adverbiais e as orações temporais surgem numa percentagem mais reduzida do que o esperado.

De acordo com Gradim (2000: 147), o tempo mais comum num artigo jornalístico é, na maioria das vezes, o presente e, por vezes, o passado. Contudo, no caso das situações localizadas por Et, este facto não é corroborado pelo *corpus* de notícias analisado: constata-se uma maior presença do pretérito perfeito, o que pode justificar-se pela predominância de sequências narrativas em que se relatam eventos já ocorridos numa ordenação cronológica.

Relativamente às relações temporais, quando comparadas as Et com a situação que elas localizam, é evidente a preponderância da simultaneidade, tal como seria de esperar, dada a sua função de localização temporal. Tal poderá justificar-se pela própria natureza semântica das Et e pelo facto de estas localizarem as situações com as quais co-ocorrem. O intervalo de tempo definido por essas Et é, por norma, o mesmo intervalo ocupado pelas situações.

Numa narrativa prototípica existe, por regra, como já foi referido, uma sucessão cronológica, predominando as relações de posterioridade/ sucessividade temporal. Contudo, no *corpus* analisado, constituído por notícias com um forte pendor narrativo, as relações encontradas são predominantemente de simultaneidade (com uma diferença reduzida quanto às relações de posterioridade). Esta elevada frequência da relação de simultaneidade poder-se-á justificar pelo facto de as notícias relatarem um evento que já decorreu, sem grande desenvolvimento da história a ele associada. Quando há elaborações desse evento, são normalmente subeventos localizados dentro do intervalo de tempo maior. Tal como referido anteriormente, as notícias seguem uma técnica jornalística de organização da informação por ordem decrescente quanto à sua relevância (pirâmide invertida): os detalhes relativos ao próprio evento vão sendo incorporados, daí resultando situações de simultaneidade (Gradim 2000: 61).

Independentemente do tipo de relação temporal mais frequente, as Et permitem organizar no eixo do tempo as situações, modulando a cronologia da narrativa e contribuindo para a coesão temporal das notícias e, em última instância, para a coesão textual.

5. Considerações Finais

O propósito da pesquisa foi avaliar a contribuição das Et para a coesão temporal. Apesar da distribuição não uniforme das Et, o *corpus* revelou-se suficiente, o que permitiu uma abordagem do problema.

Na tentativa de caracterização do papel das Et na construção da coesão temporal em notícias, o presente estudo permitiu chegar às seguintes conclusões: existe uma utilização preferencial (i) de sintagmas preposicionais, (ii) do pretérito perfeito, (iii) da relação de simultaneidade entre a Et e a situação por ela localizada e (iv) das relações temporais de simultaneidade e de posterioridade entre a Et que localiza a situação e a Et que a precede.

Conclui-se que o estudo efetuado corrobora a veracidade da hipótese inicial, ou seja, as expressões temporais contribuem para a coesão temporal. Seria, no entanto, importante reproduzir a investigação acima descrita utilizando um *corpus* de maiores dimensões, com vista a validar estes resultados.

Referências Bibliográficas

- Cañete, M. T. 2011. La construction discursive de l'événement rapporté dans le texte des genres informatifs de la presse française. *Cédille - Revista de Estudos Franceses*, 272-305.
- Charaudeau, P.; Maingueneau, D. 2004. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Editora Contexto.
- Dijk, T. A. 1983. Discourse analysis: its development and application to the structure of news. *Journal of Communication* - Spring, 20-43.
- DT - Dicionário Terminológico para consultas em linha. 2020. Obtido em 12 de 2020, de <http://dt.dge.mec.pt>
- Duarte, I. 2003. Aspectos linguísticos da organização textual. In *Gramática da Língua Portuguesa* (5ª ed., 85-120). Lisboa: Caminho Editora.
- Figueiredo, E. B.; Figueiredo, O. 1988. *Itinerário Gramatical - a gramática na língua e a língua no discurso*. Porto: Porto Editora.

- Gradim, A. 2000. Manual de Jornalismo. Estudos em Comunicação - Universidade da Beira Interior.
- Lusa. 2019. Livro de Estilo. Lusa - Agência de Notícias de Portugal, SA. Disponível na Internet em: <https://www.lusa.pt/Files/lusamaterial/PDFs/LivroEstilo.pdf>.
- Martins, M. G. 2016. Complexidade textual e progressão escolar em dois registos: um estudo de correlação baseado em um corpus quasi-longitudinal. Tese de doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Mateus, M. H.; Villalva, A. 2006. O Essencial Sobre Linguística. Editorial Caminho.
- Matos, S. 2000. Algumas considerações sobre adverbiais de localização e quantificação temporal. Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto - Línguas e Literaturas 17: 175-201.
- Mendes, A. 2013. Organização textual e articulação de orações. In Gramática da Língua Portuguesa (Vol. 2, Cap. 34, 1691-1755). Lisboa: Caminho Editora.
- Oliveira, F. 2003. Tempo e Aspeto. In Gramática da Língua Portuguesa (5ª ed., 127-178). Lisboa: Caminho Editora.
- Oliveira, F. 2013. Tempo Verbal. In Gramática do Português (Vol. 1, Cap. 15, 509-556). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Egg, M. 2021. Aspectual Composition: “Drinking (A Glass of) Milk”. D. Gutzmann; L. Matthewson; C. Meier; H. Rullman & T. E. Zimmermann (Eds.). *The Wiley Blackwell Companion to Semantics* (1st ed.). Vol. 1. Hoboken: Wiley, pp. 91-120.⁹

Inês Cantante¹⁰

cantante.ines@gmail.com

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO (PORTUGAL)

O capítulo *Aspectual Composition: “Drinking (A Glass of) Milk”*, da autoria de Markus Egg, pertence ao livro *The Wiley Blackwell Companion to Semantics*, uma obra composta por cinco volumes, que consiste numa coletânea de estudos que abrangem uma vasta gama de temas de investigação atual em semântica. O texto sobre o qual agora se reflete está localizado no primeiro volume da obra, partilhando as suas páginas com outros, que com ele facilmente se conciliam – e complementam – como o são, por exemplo, o capítulo de Michael Johnson, relativo ao tema da Composicionalidade, ou o de Susan Rothstein, com enfoque na distinção entre nomes massivos e contáveis.

Este capítulo, em particular, discorre – como o próprio nome indicia – sobre o tema da composição aspetual, apresentando uma perspetiva completa, onde não são raras as incursões a outras obras de referência no domínio do Aspeto. O texto está dividido em 7 partes, sendo finalizado pelos devidos agradecimentos e uma vasta lista de referências bibliográficas.

O autor começa por introduzir o tema (Parte 1), com uma breve, mas clara, apresentação do problema. Servindo-se dos exemplos que estão na base da sua reflexão (*drink a glass of milk*, ‘beber um copo de leite’, e o contraste com *drink milk*, ‘beber leite’), Egg introduz a noção de Aspeto (cf., entre outros, Vendler 1967 e Moens & Steedman 1988) como tratando-se de um conjunto de “properties of “predicates”, in particular, verbs and their

⁹ Este trabalho foi apoiado pela FCT - Fundação para a Ciência e Tecnologia (Portugal) e pelo CLUP - Centro de Linguística da Universidade do Porto (FCT-UIDB/00022/2020) através da Bolsa de Doutoramento 2021.04998.BD.

¹⁰ Estudante do 3.º ano do 3.º Ciclo de Estudos em Ciências da Linguagem – Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

projections” (Egg 2021: 92), apresentando, assim, o principal objeto de estudo do seu trabalho – embora aborde, também, como veremos adiante, questões relativas aos sintagmas nominais. Apresenta, ainda, a questão da telicidade das eventualidades, i.e., o facto de estas apresentarem ou não um ponto que marca o seu fim, mencionando que esta pode ser avaliada através dos testes de compatibilidade com adverbiais temporais (em concreto, o contraste entre *in x time*, ‘em x tempo’ – compatível com eventualidades télicas, e *for x time*, ‘durante x tempo’ – compatível com eventualidades atélicas). Um outro conceito fundamental para a compreensão do texto, e que é exposto neste momento, é o de tema incremental (cf. Verkuyl 1972, Dowty 1979, Krifka 1989, 1992, 1998): uma entidade que é processada de forma, precisamente, incremental e que, por esse motivo, poderá (e deverá) influenciar a classe aspetual final das eventualidades; são, neste caso, tomados como exemplo os verbos de movimento e os *Degree Achievements* (cf. Dowty 1989, Kennedy 2012, Kennedy & Levin 2008, Kennedy & McNally 1999, e.o.). Penso tratar-se de uma introdução bastante completa, onde se abordam, de forma superficial, todas as questões de fundo que vão orientar o capítulo.

A segunda parte do capítulo descreve, de uma forma mais detalhada, o tema da composição aspetual, definida como a “joint determination of the aspectual class of a constituent (here, consisting of a verb and its complement)” (Egg 2021: 93), discutindo quais os elementos relevantes para o estabelecimento da classe aspetual da eventualidade, e de que forma se consubstancia essa relevância. Esta secção, por sua vez, subdivide-se em duas subsecções, a primeira das quais debate os vários tipos de argumentos com relevância para a determinação do aspeto: objetos diretos, argumentos de *path* (caminho) e de grau e, por fim, argumentos opcionais com relevância aspetual. Parece-me que a introdução desta última questão realmente acrescenta valor ao capítulo já que, ao discutir a diferença entre argumentos obrigatórios e opcionais, no momento de estabelecer a classe aspetual, promove a reflexão do leitor, aumentando o seu grau de envolvimento na leitura. A segunda subsecção da segunda parte do capítulo é bastante menor, e serve, essencialmente, para defender a ideia de que, apesar de haver, na literatura, diversas tentativas de categorização verbal – que poderiam acarretar consequências em termos da respetiva categorização aspetual –, estas não deverão ser encaradas de forma independente dos seus argumentos e do contexto, particularmente na presença de operadores aspetuais. Assim, o autor define, neste momento, “predicates as verbs and their projections, and larger constituents that include them” (Egg 2021: 102).

Na terceira parte, o autor explica as bases semânticas necessárias para a compreensão da composição aspetual. Mais especificamente, o autor apresenta as noções básicas utilizadas

na classificação aspetual (como, por exemplo, a distinção entre eventualidades pontuais ou com extensão no tempo, i.e., duração), discutindo, também, a semântica de SNs complexos, como o que avalia: *a glass of milk* ('um copo de leite'). A ideia que defende é a de que, em particular, *um copo de leite* não deverá ser interpretado, no contexto da sua análise, no sentido estrito, antes representando uma função de medição (que expressa, neste caso, a quantidade de leite necessária para encher um copo). O autor acaba esta secção com a revisão de alguns conceitos importantes para a composição aspetual, nomeadamente a oposição cumulativo-quantizado, tanto no domínio verbal como nominal, e o impacto que esta delimitação do argumento tem na telicidade da predicação. Egg (2021) comprova ainda que *glass of milk*, 'copo de leite', em particular, não é, por si só, cumulativo, nem quantizado, ao contrário de *liter of milk*, 'litro de leite', podendo ser encarado, com base nos trabalhos de Partee e Borschev (2012), como uma medida 'ad hoc', i.e., uma leitura de medição equivalente à quantidade que deverá ser representada pelo nome (neste caso, à quantidade de líquido que cabe numa medida standardizada equivalente a um copo). A secção é finalizada com a apresentação de uma breve discussão, baseada nos quadros teóricos existentes, acerca da possível relação entre quantização e telicidade, acompanhada de uma chamada de atenção para o facto de que nem sempre a relação oposta se verifica (i.e., entre cumulatividade e atelicidade), e das dificuldades que estas tentativas de correspondência têm causado na literatura, particularmente no referente à composição aspetual.

O capítulo avança para uma análise formal do tema da incrementalidade, em estreita articulação com a composição aspetual, mostrando que existe uma correspondência entre as partes da entidade (que constitui o referente do tema incremental) que são processadas e, simultaneamente, as partes da eventualidade em que estas se processam. Baseando-se em trabalhos anteriores de Krifka (1998), mais concretamente na importância que este autor dava aos papéis temáticos, Egg (2021) estabelece um conjunto de quatro propriedades dos papéis temáticos relevantes para a definição estrita do conceito de 'incrementalidade': participantes únicos (implica o processamento de apenas uma subparte da entidade em cada subparte da eventualidade), cumulatividade ("eventualities and their participantes can be *summed up* into larger eventualities with larger participantes", cf. Egg 2021: 107), mapeamento de sub-eventualidades (envolve a relação entre as entidades e eventualidades e as respetivas subpartes: para cada subparte da entidade que está a ser processada, há uma subparte da eventualidade que a processa) e, por fim, mapeamento de sub-objetos (representa a relação entre uma eventualidade e uma entidade: a cada parte da eventualidade, corresponde uma

parte da entidade). Em todos os casos, o autor assume que há, igualmente, um parâmetro geral, não só de participantes, mas também de eventualidades únicas. A apresentação deste conjunto de propriedades, devidamente acompanhada de fórmulas lógicas com correspondente leitura, permite ao leitor compreender que a definição da função de medição para a eventualidade *drink a glass of milk*, ‘beber um copo de leite’, pressupõe que cada porção da entidade *leite* ingerida nunca seja a mesma em cada parte de *beber* (i.e., em cada golo). Estas observações servem de base para o estabelecimento da seguinte conclusão: *drink milk* é uma expressão cumulativa, ao contrário de *drink a liter of milk*, que deverá ser tratada como quantizada.

Na quinta secção do capítulo em apreço, o autor estende as observações anteriores a casos de eventualidades representadas por verbos de movimento e *Degree Achievements*. Começa por apresentar o conceito de ‘measuring out’, inicialmente introduzido por Tenny (1992, 1994), que indica que os objetos diretos de verbos de tema incremental, ao sofrerem uma mudança ao longo do evento em que participam, acabam por delimitar temporalmente esse evento, i.e., existe uma relação entre as mudanças sofridas pelo objeto e a extensão temporal da eventualidade. Egg (2021) acaba por recusar este conceito, por considerá-lo demasiado abrangente, avançando para a análise dos verbos de movimento, considerando que é no argumento *path* (‘caminho’) que reside a parte incremental deste tipo de verbos. Apresenta duas perspetivas possíveis, uma que analisa o tema incremental como representando o conjunto de localizações sucessivas da entidade que se move, e ainda uma segunda, que toma “the notion of path as basic” (Egg 2021: 110). Este último caso representa uma relação de movimento, que expressa uma função de medição, baseada em duas propriedades: adjacência e mapeamento de objetos. A extensão da função de medição do argumento *path* a uma função de medição das eventualidades que descrevem movimento permite, assim, analisar estas eventualidades como quantizadas (cf. Krifka 1998). Desta forma, o estabelecimento de dois pontos – *source* e *goal* – permite o respetivo estabelecimento de um ponto inicial e final para a eventualidade. Na análise relativa aos *Degree Achievements*, estas noções, *source* e *goal*, são retomadas e parametrizadas relativamente a uma escala (constituída por graus). Neste caso, o verbo que projeta um *Degree Achievement* denota uma relação entre eventualidades, indivíduos (entidades) e graus, avaliando, em cada momento, o grau de mudança do indivíduo. Assim, a discussão acerca da composição aspetual dos *Degree Achievements* centra-se na ideia de que se trata de predicados com tema incremental, cuja mudança evidenciada na entidade ao longo da

eventualidade é dada por uma função de medição, que é introduzida na semântica do nome, através do conceito de Natural Unit (cf. Krifa 1992), particularmente no que diz respeito à medição da cardinalidade dos indivíduos. Esta inserção permite o estabelecimento de uma relação entre eventualidades e indivíduos, que, ao serem encarados como unidades naturais, passam a permitir uma correlação entre partes da eventualidade e partes do sintagma nominal, o que poderá contribuir para a explicação da diferença entre predicados como *comer uma maçã* e *comer maçãs*. A explicitação do conceito de unidade natural como uma função de medição permite estabelecer uma relação entre indivíduos, eventualidades e números (em vez de graus) e, conseqüentemente, torna-se possível fazer um mapeamento entre partes da eventualidade e números da entidade. Assim, em *comer maçãs*, é possível relacionar partes da eventualidade com o número de maçãs ingeridas (que, neste caso, deverá decrescer ao longo do evento).

Na sexta e penúltima secção, o autor discute a questão que tem vindo a preparar desde o início: a telicidade de eventos com argumentos incrementais não quantizados. Começando por assumir que alguns destes argumentos podem, no contexto do predicado em que ocorrem, ser interpretados como delimitados, o autor mostra que é possível individualizar estas entidades através do conceito de atomização. Serve-se, para isso, do conceito de *maximality* ('maximalidade') (cf. Löbner 1989) como critério para a atomização dos argumentos com tema incremental, i.e., as entidades passam a ser perspectivadas como sendo constituídas por átomos, para poderem ser contadas ou quantificadas, o que, por sua vez, permite a passagem de argumentos não quantizados a quantizados. Especificando o caso concreto sobre o qual o presente capítulo se tem ocupado, em *drink a glass of milk* ('beber um copo de leite'), o critério da maximalidade permite a introdução de uma medida standardizada ('ad hoc'), fornecida pelo sintagma nominal, 'copo de leite', o que possibilita a delimitação da eventualidade, tornando-a, por isso, télica.

Inserindo-se, também, na discussão acerca da telicidade dos predicados – em correlação com tipo de argumento –, Egg (2021) dedica a parte final da presente secção a uma tentativa de explicação do motivo que leva ao contraste entre predicados como *comer maçãs*, atéticos, e *comer algumas/a maioria das maçãs*, este último interpretado como télico. Como demonstra, através da sua exemplificação, *eat most apples* é compatível com temporais adverbiais do tipo '*em x tempo*' ("Amélie ate some/most apples in an hour" (Egg 2021: 113)). A reflexão passa, agora, a centrar-se no conceito de homogeneidade (que resulta da

combinação entre os conceitos de cumulatividade e divisibilidade¹¹ das eventualidades). Assumindo que a não homogeneidade de uma eventualidade serve como critério para a combinação com temporais adverbiais do tipo ‘em x tempo’, a explicação destes exemplos problemáticos (i.e., oposição *some apples – apples*) emerge: o autor assume que o plural, neste caso, é compatível com referência singular e até com partes da entidade descrita (como aponta, é possível falar em *0,5 maçãs*). Tal como o que acontece com nomes contáveis, que incluem uma função de medição que permite contar o número de unidades naturais das entidades, também *maçãs*, um bare plural, pode ser associado a uma função de medição, em que a associação ao plural vincula um número ao argumento, continuando, por isso, a possibilitar a contagem de unidades naturais das entidades relevantes e mantendo o predicado homogéneo (logo, incompatível com ‘em x tempo’). Pelo contrário, *comer algumas maçãs* configura um predicado não homogéneo, dado que o quantificador, *algumas*, obriga, neste caso, a que haja um número de unidades da entidade *maçã* igual ou superior a 1, o que explica a sua compatibilidade com ‘em x tempo’ e, como consequência, a sua leitura tética.

O autor termina o seu capítulo com as conclusões, que constituem uma síntese muito breve do trabalho desenvolvido ao longo do texto, seguido dos devidos agradecimentos.

Ao enquadrar-se, de forma abrangente, na temática do Aspeto, que tem vindo a ser bastante estudada nos últimos anos, o capítulo que presentemente recenseamos analisa questões às quais não tem sido dedicada tanta atenção, particularmente no que concerne à importância concreta de argumentos específicos (como, por exemplo, os incrementais) na especificação da classe aspetual do verbo. A escrita de Egg (2021) é clara e concisa, e permite ao leitor acompanhar, não só as complexidades inerentes ao tema e à sua compreensão, mas também cada ideia que pretende defender. De facto, a organização do artigo e a apresentação da informação parece cuidadosamente pensada para que o leitor consiga formular, por si mesmo, as conclusões – em cada parte do capítulo – a que se pretende chegar. Assim, a leitura é leve e relativamente rápida, mesmo para quem não tenha conhecimentos aprofundados sobre Aspeto e Composição Aspetual, já que, para cada reflexão, são apresentados os devidos quadros teóricos. Gostaria, pois, de terminar a presente recensão com a recomendação da leitura do presente capítulo, não só por se tratar de um tema muito atual e debatido, sendo relevante para estudos semânticos que se enquadrem, tanto no domínio nominal, quanto verbal, mas também por ser de leitura leve e agradável.

¹¹ Para mais sobre o conceito de divisibilidade, cf. Egg, 2021: 115.
Volume 11 | N.º 2 | 2022 | <http://ojs.letras.up.pt/index.php/elingUP>
DOI: https://doi.org/10.21747/1647-4058/eling11_2

Referências Bibliográficas

- Johnson, M. 2021. Compositionality. In *The Wiley Blackwell Companion to Semantics* (1st ed., Vol. 1, 297-324). Hoboken: Wiley.
- Rothstein, S. 2021. Count Nouns vs. Mass Nouns. In *The Wiley Blackwell Companion to Semantics* (1st ed., Vol. 1, 459-486). Vol. 1. Hoboken: Wiley.
- Dowty, D. 1979. *Word meaning and Montague Grammar*. Dordrecht: Reidel.
- Dowty, D. 1991. Thematic Proto-Roles and Argument Selection. *Language* 67: 547-619.
- Krifka, M. 1989. Nominal Reference, Temporal Constitution, and Quantification in Event Semantics. In *Semantics and Contextual Expressions* (75-115). Dordrecht: Foris.
- Krifka, M. 1998. The Origins of Telicity. In *Events and Grammar* (197-235). Dordrecht: Kluwer.
- Löbner, S. 1989. German *Schon – Erst – Noch*: An Integrated Analysis. *Linguistics and Philosophy* 12: 167-212.
- Hay, J.; Kennedy, C.; Levin, B. 1999. Scalar Structure Underlies Telicity in ‘Degree Achievements’ (127-144). In *Proceedings of SALT 9*. Ithaca: CLC Publications.
- Kennedy, C. 2012. The Composition of Incremental Change. In *Telicity, Change, State: A cross-categorial view of Event Structure* (103-121). Oxford: Oxford University Press.
- Kennedy, C.; Levin, B. 2008. Measure of Change: The Adjectival core of Degree Achievements. In *Adjectives and Advbers: Syntax, Semantics and Discourse* (156-182). Oxford: Oxford University Press.
- Kennedy, C.; McNally, L. 1999. From Event Structure to Scale Structure: Degree Modification in Deverbal Adjectives (163-180). In *Proceedings of SALT 9*. Ithaca: CLC Publications.
- Tenny, C. 1992. The Aspectual Interface Hypothesis (1-27). In *Lexical Matters*. Stanford, CA: CSLI.
- Tenny, C. 1994. *Aspectual Roles and the Syntax-Semantics Interface*. Dordrecht, Kluwer.
- Vendler, Z. 1967. Verbs and Times. In *Linguistics in Philosophy* (97-121). New York: Cornell University Press.
- Verkuyl, H. 1972. *On the Compositional Nature of Aspects*. Dordrecht: Reidel.

**Martin, F., Demirdache, H. 2020. Partitive
accomplishments across languages. *Linguistics* 58:
1195-1232.**

Zichen Zhang¹²

zichenzg@gmail.com

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO (PORTUGAL)

O título do artigo “Partitive accomplishments across languages” chama imediatamente a atenção do leitor para um tema bastante atual nos estudos sobre aspeto: o facto de certos processos culminados descreverem situações tidas como télicas, mas em que não se pode inferir que atingiram o seu fim. Vejam-se os seguintes exemplos:

1. O João cursou Filologia em Lisboa, mas não acabou o curso.
2. Yesterday, John read the book, but he didn't finish reading it.

Os exemplos são um tipo de “partitive accomplishment” que, no artigo, se chamam “non-culminating accomplishments”. Como podemos ver, em 1. e 2., os processos culminados nem sempre implicam que o evento atinja a sua culminação, o que justifica a gramaticalidade das suas continuações com orações adversativas, que negam essa mesma culminação. Este tipo de situações ocorre em muitas línguas, de características tipológicas diferentes, pelo que este tipo de processos culminados tem recebido cada vez mais atenção na literatura. As autoras seleccionam, portanto, um objeto de estudo que não se limita a uma língua, mas a um elevado número de línguas, funcionando este artigo como uma introdução a um número da revista *Linguistics* totalmente dedicado a esta temática.

As autoras – Fabienne Martin e Hamida Demirdache – têm uma vasta experiência de investigação nesta área: Fabienne Martin é inclusivamente uma investigadora do projeto *Leibniz Dream* (<https://leibnizdream.eu/>), ERC n.º 856421, tendo vasta publicação na área dos

¹² Estudante do 1º ano do 3.º Ciclo de Estudos em Ciências de Linguagem - Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Volume 11 | N.º 2 | 2022 | <http://ojs.lettras.up.pt/index.php/elingUP>

DOI: https://doi.org/10.21747/1647-4058/eling11_2

estudos do aspeto. Por seu lado, Hamida Demirdache é professora da Universidade de Nantes, sendo especializada em sintaxe, semântica e aquisição da linguagem.

A primeira secção do artigo, a introdução, serve para apresentar o tema geral e o problema de trabalho, bem como a estrutura do próprio artigo. As autoras dividem-no em 8 secções, cada uma delas focada num fenómeno particular relacionado com o tema geral “partitive accomplishments”. A secção 2 introduz o fenómeno dos “non-culminating accomplishments”, a secção 3 descreve sumariamente algumas tipologias propostas na literatura sobre “non-culminating accomplishments” (e.g., Bar-el *et al.*, 2005; Tatevosov, 2008; Jacobs, 2011; Chief, 2008; Martin *et al.*, 2020) e a sessão 4 serve para apresentar mais esclarecimentos sobre as tipologias da secção 3 e apresentar a tipologia seguida pelas autoras, que é diferente das referidas na literatura. A secção 5 apresenta uma comparação entre o conceito de “non-culminating accomplishment”, normalmente proposto na literatura, e o termo “partitive accomplishment”, usado pelas autoras. A sessão 6 tem o seu foco numa parte da tipologia dos “non-culminating accomplishments” e a sessão 7 foca-se na outra parte. Finalmente, na secção 8, é feita uma introdução/resumo dos artigos que se seguem, que constituem o número 58 da revista *Linguistics*.

Um aspeto positivo muito importante a destacar neste artigo é a sua abordagem interlinguística (“crosslinguistics”) ao fenómeno dos “non-culminating accomplishments”, assim como o objetivo declarado de fazer uma espécie de “estado da arte”. Assim, as autoras apresentam diversas teorias, desenvolvidas a partir de dados de línguas distintas, mas procuram desenvolver uma tipologia uniforme dos fenómenos abordados, algo que é difícil de concretizar, na medida em que apresentam dados de línguas como Squamish, Karachay-Balkar, Coreano, Mandarim, Inglês, Hindi, Mari, Francês, Alemão, Tártaro e Russo. Os exemplos apresentam traduções em Inglês, assim como as suas representações formais, o que permite que o leitor entenda todos os exemplos, mesmo não sabendo a língua em questão.

Primeiramente, são analisados exemplos de “non-culminating accomplishments” na língua Squamish, passando-se depois para outras línguas, dado que, de acordo com as autoras, o fenómeno existe em várias línguas, sendo os “non-culminating accomplishments” produzidos naturalmente pelos falantes nativos de cada língua.

As autoras passam depois a explicar as propostas sobre tipologias de “non-culminating accomplishments” existentes na literatura. Martin e Demirdache fazem uma revisão detalhada

da literatura, sugerindo algumas alterações menores, nomeadamente propondo subcategorias, e prestando diversos esclarecimentos.

É de destacar, a este propósito, que as autoras usam o conceito de “minimal part constraint” para descrever um tipo de leitura chamada de “zero-change” e o conceito de “non-maximal construal” para um tipo de leitura chamada de “partial-change”. Na literatura, a leitura “zero change” significa que o processo culminado não chega a acontecer¹³ (exemplos 3. e 4.), o que é distinto da leitura de “conative construal¹⁴” (exemplo 5.). Para as autoras, o termo “zero change” não pode enquadrar todas as situações de “non-culminating accomplishments”; nesse sentido, é introduzido o termo “minimal part constraint”, que significa que o VP (entenda-se aqui “VP” como a combinação do predicador verbal com os seus argumentos) tem de obrigatoriamente corresponder à realização de uma parte *mínima*. Para além disso, é defendido que a leitura de “non-maximal construal” (exemplo 6.) não corresponde a um “non-culminating accomplishment”, e que esta leitura deve ser entendida como algo separado da leitura de “partial-change”, pois uma “non-maximal construal” altera a granularidade do significado do VP e não descreve uma parte precisa do evento (não descreve a extensão da entidade denotada por “the kitchen” que é limpa em meia hora, mas o grau de limpeza que foi atingido¹⁵).

3. Mandarin
Zhāngsān shao le nèi-liàng wanjū-che....
Zhangsan burn pfv that-CL toy-car
“Zhangsan burned that toy car...”
Zhangsan successfully burned that toy car. (Implicature)
4. ...dan genben mei shao-zhao.
But at.all NEG:PFV burn-ignite
“...but it didn't get burnt at all.”
5. Zhangsan changshi zhe shao le nei-liang wanjū-che.
Zhangsan try DUR burn PFV that-CL toy-car
“Zhangsan tried to burn that toy-car.”

¹³ No exemplo, isso significa que a segunda parte da frase anula não só a leitura de culminação da primeira parte da frase, mas também a leitura de processo preparatório, pois o evento de “queimar o carro” não tem início.

¹⁴ “Conative construal” é um tipo de construção que tem tipicamente um valor de verdade equivalente ao da “zero-reading” (Tatvosov, 2008; Jacobs, 2011). Ocorre com processos culminados, mas inclui um “overt conative verb”, como “tentar”. Para as autoras, uma “conative construal” é diferente de uma “zero change reading”, porque uma frase que veicule uma “conative construal” (i) tem uma leitura diferente quanto às frases perfetivas; (ii) pode ter valores de verdade distintos dos casos de “zero change reading”; e (iii) tem um sentido do processo mental.

¹⁵ Relativamente ao exemplo 6, pode ser verdade que a entidade denotada por “Paul” limpou durante meia hora, mas não existe, no núcleo aspetual deste evento, uma culminação e um estado consequente, expresso por “a cozinha está limpa” ou “uma parte da cozinha está limpa”, pois não se trata de um “partitive accomplishment”.

Zhangsan didn't burn that toy car. (Implicature)

(Martin & Demirdache, 2020:1200)

6. Paul cleaned the kitchen in half an hour, although it is not completely clean yet.

(Martin & Demirdache, 2020:1203)

De seguida, as autoras relacionam as teorias sobre “non-culminating accomplishment” com as tipologias sobre o VP existentes na literatura, abordando especificamente a questão de se os processos culminados com tema incremental são associados a estruturas de evento simples ou complexas. Argumentam que a leitura dos “accomplishments” depende da estrutura do evento (simples ou complexa), não se tratando simplesmente de uma relação de causalidade, i.e., de um traço lexical do verbo¹⁶.

Para além da revisão de literatura sobre os “non-culminating accomplishments” e sobre o tema dos “partitive accomplishments”, que variam de língua para língua, as autoras também apresentam a teoria dos “defeasible causatives”, que funciona em línguas germânicas (Alemão) e línguas românicas (Francês), mas que não funciona nem em Mandarim, nem em Coreano.

Na secção 7, as autoras esclarecem a diferença entre os “non-culminating accomplishments” e o uso atélico dos processos culminados (ambos são partitivos, mas o uso atélico, para as autoras, não corresponde a um “non-culminating accomplishment”) e esquematizam uma tipologia das leituras que os processos culminados podem exibir (ver Figura 1).

¹⁶ As autoras seguem a proposta de Rappaport (2008) quanto aos verbos de tema incremental: alguns verbos têm uma estrutura de evento simples, enquanto outros têm uma estrutura complexa; para além disso, os verbos de estrutura de evento complexa podem permitir os “non-culminating accomplishments” com leitura de “zero-change”. Vejam-se os exemplos (Martin & Demirdache, 2020: 1223):

a. Paul cleaned the whole house, but not completely. (tema incremental, estrutura de evento complexa)

b. Paul read the whole book, #but not completely. (tema incremental, estrutura de evento simples)

Os verbos de estrutura simples só permitem a leitura de modo (“relative to manner”) dos “non-culminating accomplishments” (em algumas línguas, como o Mandarim).

Volume 11 | N.º 2 | 2022 | <http://ojs.letras.up.pt/index.php/elingUP>

DOI: https://doi.org/10.21747/1647-4058/eling11_2

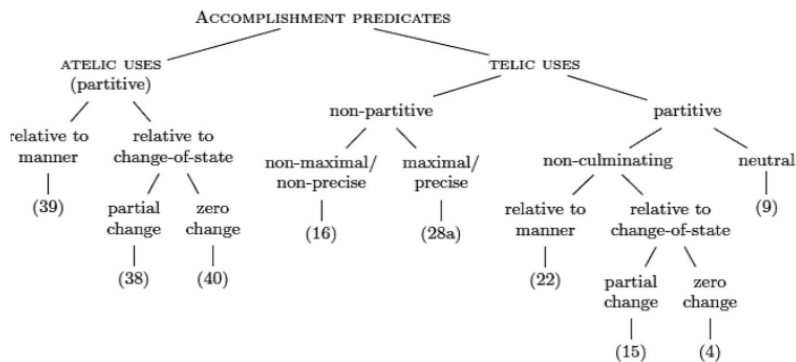


Figura 1. Tipologia das leituras¹⁷ (Martin & Demirdache, 2020: 1223)

Esta tipologia faz uma primeira distinção entre os usos dos processos culminados que são télicos e os que são atélicos. Depois, é considerado se a sua leitura é partitiva ou não partitiva (observe-se que, no uso atélico, que é o uso não normal, não existe leitura “não partitiva”). Dado que todos os termos da Figura 1 são discutidos ao longo do artigo, com exemplos, esta tipologia serve como conclusão/súmula do artigo.

Como aspeto menos positivo deste artigo, é de destacar o seguinte. Embora as autoras usem muitas línguas como exemplo, a língua a que elas mais recorrem é o Mandarim (por exemplo, na secção 4.1, 5 dos 7 exemplos são de Mandarim), mas as leituras que atribuem a esses exemplos são questionáveis. Efetivamente há falantes nativos de Mandarim que não concordam, por exemplo, com a aceitabilidade das leituras atribuídas aos “non culminating accomplishments” em muitos casos. Veja-se o exemplo 7. Este caso (de Demirdache e Martin, 2015) é usado para mostrar que a estrutura do evento de um VP tem influência sobre a leitura da frase¹⁸. Contudo, para os falantes de Mandarim consultados pelo autor da recensão, esta frase é inaceitável, dado que a leitura de processo culminado, com mudanças no tema incremental “o livro”, não pode ser alterada pela oração adversativa “mas não queimou nada”. Esta diferença no julgamento de gramaticalidade de exemplos como 7. poderá ter a ver com as referências bibliográficas que as autoras usam.

7.	Yuehan shao shao-zhao.	le	ta-de	shu,	dan	genben mei
	Yuehan burn burn-ignite.	PFV	3SG-DE	book,	but	at.all NEG:PFV

¹⁷ O número entre parêntesis identifica os exemplos de cada leitura no artigo.

¹⁸ Como referido anteriormente, as autoras distinguem os verbos de estrutura simples e os de estrutura complexa; este exemplo é de estrutura complexa, o que permite a leitura “zero change”.

Literally: “Yuehan burned his book, but it didn’t get burnt at all.”

Exemplo de Mandarim (de Martin & Demirdache, 2020: 1208)
considerado inaceitável por falantes nativos consultados

Em suma, este artigo constitui-se como uma introdução bem feita à questão dos “non-culminating accomplishments” e uma apresentação sucinta, mas clara, das teorias linguísticas que são referidas nos artigos seguintes do número da revista. Desta forma, a sua leitura permite que o leitor primeiramente tome conhecimento (se for o caso) sobre os conceitos gerais em questão, para depois o incentivar a ler de forma mais fácil os artigos que se seguem, mesmo nos casos em que o leitor não tem muitos conhecimentos sobre “non-culminating accomplishments”. O artigo acaba por também funcionar como um índice alargado do número 58 da revista *Linguistics*, apresentando os artigos seguintes, quais são os seus temas e quais as línguas tidas como objeto.

Referências Bibliográficas

Bar-el, L.; Davis, H.; Matthewson, L. 2005. On non-culminating accomplishments. In Proceedings of the 35th annual meeting of the North East Linguistics Society (Vol. 35, 87–102). Amherst, MA: GLSA.

Chief, L. 2008. Scalarity and incomplete event descriptions in Mandarin Chinese. New York: State University of New York. PhD Dissertation.

Demirdache, H.; Martin, F. 2015. Agent control over non culminating events. In Verb classes and aspect (185–217). Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins.

Jacobs, P. 2011. Control in Skwxwú7mesh. Vancouver: University of British Columbia. PhD Dissertation.

Koenig, J. P.; Muansuwan, N. 2000. How to end without ever finishing: Thai semiperfectivity. *Journal of Semantics* 17(2): 147–182.

Tatevosov, S. 2008. Subevental structure and non-culmination. In Empirical issues in syntax and semantics (Vol. 7, 393–422). Disponível na Internet em: <http://www.cssp.cnrs.fr/eiss7/tatevosov-eiss7.pdf>.

Martin, F.; Sun, H.; Demirdache, H.; Liu, J. 2020. Monomorphemic verbs in Mandarin Chinese: Lexical aspect, event structure and non-culminating uses. Unpublished manuscript. Universite de Nantes and Humboldt-Universität zu Berlin.